



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

ALESSANDRA COLESEL

**Extensão, pesquisa, universidade e comunidade: um diálogo (im)
possível?**

**IRATI-PARANÁ
2016**

ALESSANDRA COLESEL

**Extensão, pesquisa, universidade e comunidade: um diálogo (im)
possível?**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Comunitário, curso de Pós-graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração Ciências Humanas da UNICENTRO.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar de Carvalho Cruz

IRATI- PARANÁ
2016

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

C693e COLESEL, Alessandra.
Extensão, pesquisa, universidade e comunidade: um diálogo (im) possível? /
Alessandra Colese. – Irati, PR : [s.n], 2016.
71 f.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar de Carvalho Cruz
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Desenvolvimento Comunitário. Área de concentração: Ciências Humanas.
Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.

1. Extensão Universitária – dissertação. 2. Educação Popular. 3. Juventude.
4. Periferia. I. Cruz, Gilmar de Carvalho. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 378

*Dedico este trabalho para meus pais,
meu companheiro e meu filho amado.
Muita gratidão à vocês.*

Gratidão

Hoje quero transcrever aqui, não apenas palavras de agradecimentos, pois seriam apenas momentos que finalizariam esta dissertação. Mas quero colocar eternizando através da escrita, externando a minha Gratidão.

A gratidão a cada um que passou na minha vida. Os que me fizeram “cair”, os que por vezes despertaram em mim sentimentos desumanos e tantas outras vezes me deixaram em dúvida da pessoa que sou. A minha gratidão aos que por minutos me tiraram o chão, me deixaram sem fôlego ou ar...

A minha gratidão às alegrias vividas, mesmo que por segundo e que um dia pensei que seriam eternas.

A minha gratidão à tantas e tantas pessoas que quando penso, meu coração se alegra mesmo que também tenham me ferido em algum momento. Mas a lembrança guardada, faz meu coração vibrar! E isso me impulsiona à vida!

A minha gratidão às pessoas que entenderam minha ausência, tantas vezes...e quando em minha presença souberam não ser rude.

A minha gratidão aos professores que souberam, para além da ciência, transmitir o que em mim hoje se eterniza. Aos colegas, que nada mais, nada menos foram luz.

A minha família que na sua diferença, e cada um sendo único, me proporcionou crescimento!

A minha Mãe, meu Pai...a eles minha eterna gratidão pelo seu sim...

E neste ano muito mais que agradecer eu só posso mesmo sentir gratidão! Esse ano mais um pedaço gerado do amor e graça, é a beleza de ter em meus braços o meu filho...então: Gratidão! Gratidão! Gratidão!

E para alguns pode parecer loucura, tantos e tantos processos de gratidão aqui colocados. Mas a estes também a minha Gratidão!

E ao universo...por saber que cada um no seu tempo de entendimento saberá apenas o que é necessário para sua evolução.

COLESEL, Alessandra. Extensão, pesquisa, universidade e comunidade: um diálogo (im) possível? 2016. XXX fl. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário) – Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO, 2016.

RESUMO

O estudo pretendeu analisar a relação entre uma universidade e parcela de seu entorno social com base na ação extensionista assentada no protagonismo e na participação social de jovens, por meio de suas expressões e manifestações culturais com base nos princípios da educação popular. O Projeto de Extensão *Jovens de periferia urbana em cena - inclusão social via cinema popular*, foi formulado a partir da parceria entre a Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO, *campus* Irati) e a Comissão Organizadora da Adolescência e Juventude Ecumênica Missionária (CORAJEM), ambas do Estado do Paraná. Realizou-se nesse cenário, pesquisa qualitativa com a utilização de observação participante e caderno de registros. As informações produzidas ao longo do estudo indicam que as instituições envolvidas na ação extensionista evidenciaram compreensões estereotipadas de jovens de periferia. Princípios da Educação Popular podem contribuir para ressignificar e aprimorar a relação entre a universidade e comunidade, tendo em vista o protagonismo social.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Educação Popular; Juventude; Periferia.

COLESEL, Alessandra. Extension, research, university and community: a dialogue impossible?. 2016. XXX fl. Dissertation (Interdisciplinary Master in Community Development) - State University of West Center - UNICENTRO, 2016.

ABSTRACT

The study aimed to analyze the relationship between a university and part of its social environment founded on extension action, based on the role and social participation of young people, through their expressions and cultural activities supported by the principles of popular education. The Outreach Project The urban fringe Youth in the scene - social inclusion via popular cinema, was created through a partnership between the State University of West Center (UNICENTRO) and the Organizing Committee of Adolescence and Youth Ecumenical Mission (CORAJEM). Qualitative research was developed in this scenario, with the use of participant observation and rounds of conversation. The information produced throughout the study indicates that the institutions involved in extension action showed stereotypical understandings of the youth from the outskirts of the city. Popular Education principles can help to reframe and improve the relationship between the university and urban periphery youngsters, with a view to increasing their social involvement.

Keywords: University Extension. Popular Education. Youth. Periphery

LISTA DE SIGLAS

ANEPOP	Articulação Nacional de Extensão Popular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior
CORAJEM	Comissão Organizadora da Adolescência e Juventude Missionária
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFPR	Instituto Federal do Paraná
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PIAC	Interdisciplinar de Ação Comunitária
UNICENTRO	Universidade Estadual do Centro Oeste
USF	Universidade Sem Fronteiras

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Levantamento das pesquisas sobre Educação Popular	23
Quadro 02 - Levantamento de Pesquisas referentes a temática.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA – CAMPOS POSSÍVEIS DE ANÁLISE	15
2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E LOCAIS.....	17
2.2 ANÁLISE DE DADOS.....	20
3 DA EDUCAÇÃO VERTICAL À EDUCAÇÃO POPULAR – ALGUNS CAMINHOS TRILHADOS	21
3.1 EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO COM BASE NA EDUCAÇÃO POPULAR ..	27
4 EDUCAÇÃO POPULAR: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	35
4.1 O CONCEITO DA EDUCAÇÃO POPULAR E ALGUMAS REFLEXÕES	35
4.2 O DIÁLOGO ENTRE EXTENSÃO E UNIVERSIDADE	41
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	47
5.1 JOVENS DE PERIFERIA URBANA EM CENA – O QUE FICA?.....	47
5.1.1 As construções e diálogos no caminho – jovens e a educação popular	51
5.2 AS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE AS INSTITUIÇÕES TENSIONADAS PELA EDUCAÇÃO POPULAR.....	60
6 CONSIDERAÇÕES, CONSTERNAÇÕES, INSPIRAÇÕES (...)	65
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE 01	71

INTRODUÇÃO

A vida na comunidade acadêmica nos abre possibilidades de inserção nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, a chamada tríade basilar da Universidade. A atuação da tríade, em conjunto, possibilita aos estudantes e graduandos, experiências profissionais enriquecedoras para seu currículo acadêmico e um aprendizado de grande valia para a formação social dos indivíduos. Foi o que pudemos vivenciar num projeto de extensão, impressões estas que serão registradas e refletidas no desenvolvimento desta pesquisa.

As inquietações aqui apresentadas estão carregadas de um olhar amoroso diante do projeto de extensão estudado. Busquei, durante a pesquisa, me distanciar do olhar de militante apaixonada pelas causas sociais e analisar de maneira crítica a práxis aqui apresentada. Com a clareza de que além de estar analisando criticamente os procedimentos acadêmicos, analiso também a nossa prática marcada por ideais de sonhos e transformações, apesar de esta estar carregada de conflitos internos e externos com diversos equívocos e frustrações. Mas, acima de tudo, cheia de sonhos e esperança.

Com graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO (2008-2011) fui selecionada para participar no ano de 2013 do Projeto de Extensão do Programa Universidade Sem Fronteiras *Jovens de Periferia Urbana em Cena – inclusão social via cinema popular*. Minha formação no campo da educação “informal” é reflexo da minha participação em ONG’s do município de Irati (PR), as quais me levaram a participar de Cursos de Formação Política, Formação Teológica na Teologia da Libertação, Economia Solidária e Educação Popular.

Conhecer a realidade dos jovens no meio rural e urbano me instigou o desejo de mudança de situações de injustiça e abandono social, os quais somos submetidos diariamente pela falta de aplicação das políticas públicas que vão de encontro com as necessidades sociais. A convivência com militantes de Movimentos Sociais e Partidos Políticos de esquerda foram essenciais para o início na militância, o que me levou a fazer a graduação na educação e atualmente a pós-graduação na área Interdisciplinar do Desenvolvimento Comunitário.

O caminho trilhado para chegar ao Mestrado, foi a atuação nas comunidades periféricas do município de Irati e o desenvolvimento do projeto de Extensão Universitária do Programa Sem Fronteiras denominado *Jovens de Periferia Urbana em Cena – inclusão social via cinema popular*, o qual tinha como um dos seus objetivos a inclusão social via cinema popular. A parceria para a execução do Projeto fora juntamente com a Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), por meio do Programa Universidade Sem Fronteiras¹, e da Comissão Organizadora da Adolescência e Juventude Ecumênica Missionária (CORAJEM).

O projeto tinha por finalidade trabalhar com a organização de adolescentes e jovens das periferias de Irati, através da metodologia da educação popular, utilizando do cinema e técnicas de comunicação² como meio de busca do protagonismo social.

Através das experiências vivenciadas neste projeto, me foi colocado o desafio de sistematizar e levantar questionamentos sobre as contribuições e desafios gerados pela Educação Popular como prática metodológica na aplicabilidade de Projetos de Extensão Universitária.

As mais variadas problematizações e conflitos que surgiram no desenvolvimento do mesmo foram determinantes para refletir sobre a prática realizada. Olhar para a metodologia de Educação Popular e enxergar nela além de uma receita metodológica pronta, nos remete a analisar a nossa práxis e observar as relações entre opressor e oprimido que se manifestaram no decorrer do processo, entre os indivíduos e as instituições.

Com base nas reflexões acima a questão norteadora deste trabalho consiste em: Quais as implicações metodológicas produzidas pela metodologia da pedagogia freireana na extensão? Que Educação Popular (?) e qual relação de dialogicidade (?) entre a universidade e comunidade ocorre na Extensão e Pesquisa – Jovens em Cena na perspectiva de universidade participativa?

A proposta analisa o impacto das práticas sociais da Educação Popular e a intervenção universitária nas comunidades que acolhem projetos de extensão da universidade.

¹ Programa desenvolvido em Universidades Estaduais, através da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI).

² Técnicas de Comunicação como jornais escritos, filmagens, fotografias, redes sociais, *grafitte*

Dessa forma, compreendemos que analisar as práticas sociais da relação comunidade implica em compreender e observar o impacto dessas ações na formação humana e cultural do contexto universitário e comunitário. Considerando a Educação Popular como um princípio que norteará esta pesquisa, seremos orientados por ela para analisar a relação teórica e prática da universidade/comunidade.

O estudo consiste em compreender os elementos teóricos e práticos, da relação universidade/comunidade e vice-versa, observando como a proposta da Educação Popular pode contribuir com o desenvolvimento comunitário e como a comunidade pode quebrar com paradigmas edificados nos Projetos de Extensão.

A investigação surge da prática e discussões do Projeto de Extensão Universidade Sem Fronteiras da UNICENTRO, intitulado *Jovens de Periferia Urbana em Cena: inclusão social via cinema popular*. Durante a execução do projeto nos deparamos com vários questionamentos sobre a atuação da universidade e a qualidade dos seus Projetos de Extensão, além de observarmos algumas implicações proponentes da base metodológica da Educação Popular, a qual optamos por problematizar nesta pesquisa.

Algumas dessas implicações são bem exemplificadas por Orlandi (2001, p.32) a qual refere-se à prática de extensão como um mecanismo de prestação de serviço da universidade para a comunidade. Vejamos nas palavras dela:

Essa forma de considerar as relações da universidade como prestadora de serviços reflete-se na universidade de maneira a reduzi-la a um “mediador” que reproduz a comunidade tal qual. Sem nenhuma crítica e com bastante anacronismo.

A crítica feita pela autora traduz o que acontece em muitas práticas de Projetos de Extensão oferecidos pelas universidades. Práticas estas que estão longe de atuar a partir da tríade ensino/pesquisa/extensão, sendo meras reproduções técnicas, as quais, na maioria das vezes utilizam as comunidades apenas como laboratórios de experiências.

Neste sentido, a Educação Popular, metodologia utilizada para a prática deste Projeto de Extensão, nos ajuda a compreender o sentido dado por Orlandi (2001), orientando a prática educativa como uma relação na qual tanto

a universidade como a comunidade têm a contribuir com a emancipação dos sujeitos. Seguindo assim, uma opção libertadora na qual todos são sujeitos de conhecimento capazes de construir sua história e a transformar, conforme salienta Werri (2008).

O conceito base da Educação Popular compreende que todos são sujeitos de transformação. Na obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1987), o autor exprime uma pedagogia libertadora, o que significa uma pedagogia *com*, e não *para*, os sujeitos. Nessa metodologia, os sujeitos participam do processo de construção do conhecimento, por meio de uma relação dialógica, na qual a prioridade é a autonomia e o protagonismo de todos os sujeitos envolvidos.

A proposta metodológica de Educação Popular inserida em um Projeto de Extensão tende a desmitificar este conceito de “empoderamento” do saber científico. Ela intenta produzir conhecimento com todos os sujeitos inseridos na proposta promovendo a democratização do conhecimento. Isto causa um impacto educativo na proposta extensionista, que está acostumada a fazer uma educação *para* e não *com* os indivíduos.

Neste sentido, para sistematizar os aprendizados que tivemos no Projeto de Extensão ora ressaltado, esta dissertação estrutura-se da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “*Estado da Arte*” realiza-se uma breve conceituação teórica da Educação Popular, fundamento base deste trabalho. O segundo capítulo intitulado “*O diálogo entre Extensão e Universidade*” consiste na análise dos conceitos de emancipação e empoderamento, elementos esses que serviram para reflexão sobre a prática da Educação Popular e seu papel na extensão universitária. No terceiro e último capítulo “*Resultados e Discussões*” discorreremos um relato de como se deram as ações desenvolvidas no Projeto, analisando as implicações metodológicas que fizeram parte da história do mesmo.

2 METODOLOGIA – CAMPOS POSSÍVEIS DE ANÁLISE

O caminho metodológico que iremos construir nesta dissertação, refere-se à pesquisa intitulada *Extensão, pesquisa, universidade e comunidade: um diálogo (im) possível?*, vinculada ao Programa de Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário. O caminho da pesquisa buscou compreender a problemática do impacto das práticas sociais de Educação Popular da intervenção universitária nas comunidades que recebem projetos de extensão da universidade. O estudo consistiu em compreender os elementos teóricos e práticos, da relação universidade-comunidade, observando como a proposta da Educação Popular pode contribuir com os agentes envolvidos e, qual o papel da extensão no desenvolvimento comunitário.

Nessa perspectiva, o modo em que iremos observar o caminho a ser trilhado será qualitativo. A pesquisa qualitativa de acordo com González Rey, (2010) oferece o olhar de diferentes possibilidades no processo de construção das informações, pois nos proporciona identificar as contradições existentes no campo da pesquisa.

Minayo (2004) traz a concepção de pesquisa qualitativa como uma metodologia que busca compreender a realidade a ser pesquisada com base nos significados das ações e a intencionalidade inserida nesse meio.

Segundo Minayo (2004, p. 10)

[...] As Metodologias de Pesquisa Qualitativa entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Dessa forma, compreendemos que o método qualitativo contribuiu com a pesquisa, pois a mesma busca identificar na relação extensão-comunidade o significado da proposta de Educação Popular, a qual tem como função refletir a intenção das práticas sociais das ações extensionistas da universidade.

Com base neste entendimento de pesquisa, o estudo aqui mencionado visa aprimorar de maneira atualizada, porém, com fundamentos teórico-metodológicos as discussões acerca da contribuição social da universidade por meio da Educação Popular. O tema foi analisado na forma da pesquisa ex-

post-facto, uma metodologia ainda pouco conhecida, mas que nos abre novas possibilidades para explorar o conhecimento.

Segundo Fonseca (2002, p. 32), a premissa desta prática metodológica

A pesquisa ex-post-facto tem por objetivo investigar possíveis relações de causa e efeito entre um determinado fato identificado pelo pesquisador e um fenômeno que ocorre posteriormente. A principal característica deste tipo de pesquisa é o fato de os dados serem coletados após a ocorrência dos eventos. A pesquisa ex-post-facto é utilizada quando há impossibilidade de aplicação da pesquisa experimental, pelo fato de nem sempre ser possível manipular as variáveis necessárias para o estudo da causa e do seu efeito.

Nesse sentido, a pesquisa ora apresentada se insere nesta modalidade, pois foi realizada a partir das contribuições e ações desenvolvidas durante a execução do *Projeto Jovens de Periferia Urbana em Cena*. O projeto nos trouxe elementos para problematização e construção deste trabalho, o mesmo foi executado nos anos de 2013 e 2014.

Uma das técnicas que serviu para a análise das informações foi a observação participante. Nesta perspectiva, o observador faz parte integrante do processo agindo prática e teoricamente nas realidades observadas. De acordo com Vianna (2007, p. 50)

O principal aspecto do método, acrescentando ao anteriormente já assinalado, é que o pesquisador mergulha no campo, observa segundo a perspectiva de um membro integrante da ação e também influencia o que observa graças à sua participação.

Assim, a técnica combina com a metodologia da pesquisa participante, pois na medida em que o pesquisador se insere no campo a ser pesquisado estará conseqüentemente observando as ações e relações que permeiam o meio a ser investigado. A observação participante se deu na pesquisa proposta durante a inserção, nas ações do projeto de extensão trabalhando prática e teoricamente no desenvolvimento da mesma.

Outro instrumento metodológico e de coleta de dados que foi utilizado refere-se a pesquisa documental, a qual segundo Marconi e Lakatos (2008, p.49): “[...] é uma técnica de coleta de dados que se remete a coleta de informações contidas em documentos fontes primárias ou secundárias, de fenômenos contemporâneos ou retrospectivos”.

Dessa forma, acreditamos que a pesquisa documental contribuiu como processo de construção das informações, pois forneceu elementos constitutivos sobre a história vivenciada no projeto, através dos registros em nosso caderno de anotações. O que fez um contraponto com a Educação Popular, buscando responder como a prática desta pode contribuir com a prática extensionista. Para a análise documental analisamos os cadernos de registros com anotações de diálogos, ações, atividades realizadas que nos ofereceram subsídios para sistematizar as informações da pesquisa.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E LOCAIS

A realização do Projeto extensionista estudado ocorreu no estado do Paraná, na cidade de Irati, situada na região Centro Sul. As atividades foram realizadas em dois bairros de vulnerabilidade social da cidade, sendo eles: Bairro Alto da Lagoa e Vila São João. Segundo o Censo 2010, Irati possui uma população de aproximadamente 56 mil habitantes, sendo dessas 17 mil em situação de pobreza (aproximadamente 30%). No índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o município ocupa a 187^ª posição no Estado, com um IDH de 0,743 (PNUD, 2000).

O público alvo pesquisado atingiu juventudes de diferentes aspectos. Uma juventude que possui melhores condições de vida, a qual possui acesso ao ensino superior, entre eles alguns estudantes e outros já graduados, os quais foram selecionados para a execução do projeto. Outra juventude vive em condições de vulnerabilidade social e com acesso limitado as condições necessárias para sobreviver com uma boa qualidade de vida. Esses dois grupos se encontraram no referido projeto. Contamos ainda com a coordenação dos professores Gilmar Carvalho Cruz³ e Edson Santos Silva⁴ os mesmos exerceram o papel de contribuir no planejamento das atividades e avaliação na execução do projeto.

³ Professor da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Brasil. Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. E-mail: gilmailcruz@gmail.com

⁴ Professor da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Brasil. Doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. (USP), Brasil. E-mail: jeremoabo@ig.com.br

O grupo de estudantes e graduados foi escolhido pela coordenação do Projeto do Programa Sem Fronteiras para desenvolver as atividades programadas. O perfil do grupo selecionado também era de jovens entre 20 anos a 30 anos, os quais desenvolveram o contato com as outras juventudes.

Já a participação dos beneficiários foi realizada através de um mapeamento, atividade desenvolvida no início projeto. A partir deste mapeamento, que tinha por objetivo a identificação do público alvo, realizamos convites para esta coletividade participar das ações propostas. O projeto atingiu pelo menos 20 adolescentes e jovens (com idade entre 13 e 29 anos), de cada bairro onde atuamos, ou seja, no Alto da Lagoa e na Vila São João.

A Organização das Nações Unidas (ONU) define como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos. A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende que a adolescência é um processo biológico, que vai dos 10 aos 19 anos de idade, abrangendo a pré-adolescência (10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos). Já a juventude é considerada uma categoria sociológica que implica a preparação dos indivíduos para o exercício da vida adulta, abrangendo a faixa dos 15 aos 24 anos de idade. As diferenças entre adolescência e juventude, portanto, não se limitam à idade, mas aos conceitos, demonstrando processos de naturezas distintas.

Quando falamos em jovens, estamos nos referindo a um grupo social atingido de diversas formas pelas injustiças sociais, pois, são eles os menos atendidos com políticas públicas que proporcionam condições adequadas para a conquista do primeiro emprego e garantia de uma educação de qualidade.

O projeto *Jovem de Periferia Urbana em Cena* teve início em julho de 2013 e término agosto de 2014. A ideia principal do projeto era provocar o protagonismo e a participação social de jovens de bairros periféricos por meio de suas expressões e manifestações culturais.

Os objetivos específicos eram: a) criar nos bairros um espaço cultural e de lazer por meio das sessões abertas de cinema; b) mobilizar nos bairros a criação de grupos de jovens que passem, gradativamente, a assumir o papel de coordenação das sessões de cinema; c) proporcionar um espaço de formação a esses grupos de jovens, onde eles possam conhecer e/ou desenvolver diferentes modos de manifestação cultural; d) criar um espaço aberto de apresentação das produções culturais dos jovens no município.

Os encaminhamentos metodológicos aconteceram em um primeiro momento da seguinte forma: a) mapeamentos nos bairros a serem trabalhados observando suas limitações e potencialidades, bem como dados referentes a juventude; b) sessões de cinema abertas, sendo duas sessões por mês em cada bairro, com a exibição preferencial por filmes nacionais – para cada sessão de cinema será feita divulgação por meio de faixas e cartazes pelo bairro, além de visitas, especialmente nas escolas com ensino médio; c) provocação de discussão e debate na comunidade em cada uma das sessões; d) composição de equipe junto à comunidade para preparação das sessões de cinema – escolha dos filmes, divulgação, debate.

Em um segundo momento, foram realizadas: a) oficinas culturais ministradas por técnicos específicos de cada área (cinema, teatro, dança, música e formas de comunicação e expressão popular) que ocorreram em 5 etapas, sendo realizada cada etapa em um fim de semana por mês – com um grupo de aproximadamente 30 jovens advindos de 3 bairros; b) evento municipal (ao final de cada etapa) de divulgação das produções artísticas e culturais desses jovens por meio de uma mostra de cultura.

O projeto esperava contribuir na ampliação dos repertórios culturais dos jovens, capacitando-os para fazerem uso de diferentes formas de expressão e manifestação cultural, com a aprendizagem de técnicas e manuseio de equipamentos específicos. Esta capacitação visou estimular produções artísticas, simbólicas e comunicacionais, provocando seu protagonismo e participação social. Esperava-se desenvolver o capital social das comunidades, a fim de reposicionar o jovem para a condição de ator social de seu bairro/município.

Nas sessões desenvolvidas alguns jovens da comunidade eram convidados a auxiliar na preparação do ambiente. Nas sessões seguintes, os mesmos jovens eram convidados a contribuir na preparação das próximas sessões, quer seja na escolha dos filmes, quer na divulgação, no debate, de maneira que se formasse uma equipe de preparação. As sessões ocorreram ao longo dos 12 meses. Posteriormente, foram promovidas com um grupo de aproximadamente 30 jovens advindos dos dois bairros, oficinas culturais que ocorreram em 5 etapas, sendo realizada cada etapa em um fim de semana por mês. Foram trabalhados temas como cinema, teatro, dança, música e formas

de comunicação e expressão popular. Para cada uma dessas etapas foram convidados a ministrar as oficinas, técnicos específicos de cada área.

Ao final das etapas, foi realizado um evento municipal de divulgação das produções artísticas e culturais desses jovens, por meio de uma mostra de cultura. Em consonância com objetivos do projeto, equipamentos e materiais de consumo adquiridos para sua execução foram, após seu término, alocados junto à instituição parceira devido a sua inserção nos bairros beneficiados e à perspectiva de continuidade das ações realizadas.

2.2 ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados realizada através das anotações em caderno de registros e relatórios desenvolvidos no decorrer do projeto, foi um dos elementos para análise. Também tivemos a observação participante, na qual pudemos vivenciar no mapeamento, nas reuniões, sessões de cinema e oficinas as mais variadas experiências de inserção a serem sistematizadas.

A análise de dados desenvolvida nesta pesquisa abordou a interpretação dos acontecimentos, por meio de uma análise interpretativa/discursiva. A busca pelo sentido do discurso através de uma análise interpretativa da relação dialógica, entre os sujeitos, oferece elementos discursivos para a interpretação do contexto vivenciado na pesquisa.

Para o desenvolvimento da análise elencamos dois pontos de discussão que se destacaram durante o projeto. O primeiro ponto se refere aos *Jovens e a Educação Popular*. A abordagem desta metodologia durante o projeto ofereceu inúmeros questionamentos e o repensar das práticas então desenvolvidas. O segundo ponto, foi o efeito da prática da Educação Popular na relação com nossas parcerias no projeto, ou seja, as *implicações metodológicas* com as instituições parceiras como outro elemento a ser analisado.

De acordo com esses pontos de discussão realizamos a interpretação dos dados e suas contribuições para a produção do conhecimento, destacando os elementos de reflexão e geração de subsídios teóricos para uma prática extensionista mais libertadora e mais próxima da realidade das comunidades.

3 DA EDUCAÇÃO VERTICAL À EDUCAÇÃO POPULAR – ALGUNS CAMINHOS TRILHADOS

Iniciamos este estudo com o breve histórico do contexto em que a Educação Popular iniciou no país. A discussão, envolta na prática da Educação Popular, no Brasil remonta a época do nacional-desenvolvimentismo no país. A história do Movimento de Educação Popular tem início no Brasil em 1945. O nascimento deste movimento ocorreu devido ao contexto social marcado pelo crescimento da industrialização, aumento da urbanização, inserido numa conjuntura política e econômica embutida em um “desenvolvimento” de acordo com Rodrigues (2003).

Nesse período no contexto mundial, vivia-se o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), na qual entram em conflito duas grandes ordens econômicas o Socialismo, vivido pela União Soviética e o Capitalismo dos Estados Unidos. As duas grandes potências em questão disputavam o poder econômico/político no mundo. Em 1947, um acordo entre os países subdesenvolvidos é estabelecido, o chamado Plano Marshall⁵, em que o mesmo favorece a consolidação do Capitalismo na Europa.

No Brasil, o plano se instalou com o apoio do Governo de Getúlio Vargas, através da Comissão americana comanda por John Abbink para verificar os fatores econômicos do país.

O Governo de Getúlio Vargas (1950-1955) e Juscelino Kubitschek (1955-1959) instalou um novo modelo político e econômico: o nacionalismo-desenvolvimentista. Esta política de direita, objetivava o desenvolvimento econômico do país. Pautado em ideais patrióticas de nação, estimulados por lideranças populistas. “[...] Emergia, aí, a visão nacionalista marcada pela exaltação do civismo e do patriotismo, o que configurava o nacionalismo como uma ideologia de direita” (SAVIANI, 2008, p.311)

A implantação de uma economia desenvolvida por altos investimentos do capital estrangeiro, avanço tecnológico e industrial instituem o capitalismo no Brasil. Rodrigues (2003) ressalta os avanços conquistados pelo

⁵Acordo econômico realizado pelos Estados Unidos para reconstrução dos países europeus, capitalistas destruídos pela 2ª Guerra Mundial.

desenvolvimentismo, destacando que os princípios e modos de vida convencionados pela sociedade moderna, são vivenciados até hoje.

Por outro lado, a esquerda do Brasil nos anos de 1950, se articulou reunindo os movimentos populares dos bairros, profissionais do magistério público e lideranças políticas, os quais apresentavam tendências contrárias às conservadoras, e lutavam por uma educação pública, gratuita e de qualidade, conforme analisado por Beisiegel (1992).

De acordo com Saviani (2008), as forças de esquerda⁶ apoiavam a industrialização do país como possibilidade de ascensão social, surgindo então a ideologia do nacionalismo desenvolvimentista. Ela projetava que a educação instrumentalizasse o povo através da conscientização como elemento de desenvolvimento da nação. Várias instituições passaram a embasar suas práticas nesta teoria, entre elas podemos destacar a Igreja Católica e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)⁷.

A partir da década de 1960, o Movimento de Educação Popular, propõe às massas populares um trabalho de conscientização e politização desenvolvendo Campanhas de Alfabetização de Jovens e Adultos e expandindo as escolas primárias. Neste período, surgem também os Movimentos de Cultura Popular. Apoiados ideologicamente pelo ISEB, eles se inserem nos bairros urbanos, praças públicas, Universidades, sindicatos, e utilizam da arte, literatura, teatro, cinema dentre outros objetos culturais como instrumentos de mobilização.

Este contexto ilustra a implantação definitiva do Capitalismo no Brasil, o qual norteia os princípios e modos de vida da modernidade. Porém, é necessário ressaltar que na mesma medida que existe este avanço, acontece também a atuação dos Movimentos de esquerda que organizam uma base de

⁶ Fernandes (2016) define os conceitos de esquerda e direita da seguinte maneira: “Os ideólogos de esquerda pretendem aperfeiçoar o mundo por meio de políticas que instaurem a justiça social, ou o igualitarismo, ou a socialização dos meios de produção econômica, ou qualquer outra ação que remeta à ideia de igualdade. Já os ideólogos de direita pretendem perfectibilizar o mundo a partir de uma perspectiva idealizada do passado e da tradição, de valores nacionais ou religiosos.” FERNANDES, Cláudio. "Direita e Esquerda"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/politica/direita-esquerda.htm>>. Acesso em 06 de outubro de 2016.

⁷Instituto Superior de Estudos Brasileiros, sigla ISEB, a qual será utilizada no decorrer do texto.

agricultores, proletários, sindicatos e movimentos advindos da Igreja Católica, contrapondo-se ao modo de como o desenvolvimento estava sendo executado pelo Governo.

É neste cenário que Paulo Freire, educador pernambucano, propõe a teoria da Educação Libertadora, o qual apresenta em sua concepção uma nova perspectiva de educação para o Brasil. Os seus livros apresentam uma constatação da realidade brasileira e sugerem a conscientização do povo como um meio de libertação da opressão.

A inserção de Paulo Freire com o Movimento Sem-Terra (MST) e no Partido dos Trabalhadores (PT) possibilitou um trabalho prático de educação libertadora, suas ideias fundamentaram-se nesse contexto.

O estudo realizado partiu da necessidade de visualizar o cenário das pesquisas de Mestrado, referente à metodologia da Educação Popular e suas contribuições com a extensão universitária. Essa metodologia foi idealizada pelo educador Paulo Freire⁸.

O levantamento das pesquisas abaixo listadas foi realizado no *Portal de Periódico da Capes, Banco de Teses e Dissertações*. Priorizamos Dissertações de Mestrado do período entre 2013 e 2016. A busca teve base em dois descritores: Educação Popular e Extensão Universitária.

Durante essa busca tivemos o seguinte quadro quantitativo:

Quadro 01 – Levantamento das pesquisas sobre Educação Popular

DESCRITORES	PESQUISAS
Extensão Universitária e Educação Popular	20

Fonte: Portal de Periódicos CAPES, Banco de Teses e Dissertações

As pesquisas encontradas no portal da CAPES apresentaram maior concentração nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Os descritores utilizados foram determinantes para relacionar as pesquisas que vão ao encontro com a temática trabalhada nesta dissertação.

No contexto histórico, a educação no Brasil pensada desde o período colonial, não teve tanto debate e não fora alvo de tantas discussões, como em

⁸ Nascido em 19 de setembro de 1921, no Estado de Pernambuco na cidade de Recife. Ficou conhecido por sua prática Libertadora de educação com um método de alfabetização capaz de alfabetizar 300 pessoas em quarenta e cinco dias, na Cidade de Angicos (RN).

meados das décadas de 1950 e 1960. Neste período alguns pensadores, entre eles Paulo Freire, perceberam o contexto educacional da região em que viviam propondo-se a lutar por uma “educação conscientizadora”. Esta abordagem abriria caminhos para o “progresso” da sociedade brasileira e novas perspectivas na educação.

Nesse sentido, o mapeamento das pesquisas aqui realizado teve por objetivo demonstrar a aproximação entre essas duas temáticas, além das contribuições da Educação Popular com os projetos de extensão universitária que se propõe a praticar esta metodologia. Tendo em vista que os descritores utilizados são a temática desta dissertação, os quais serão teorizados com mais elementos no decorrer do texto.

Com base nos dados coletados no Portal Capes, o nosso trabalho está dividido em dois momentos. O primeiro apresenta o mapeamento das pesquisas relacionadas aos descritores anteriormente mencionados. E, em seguida, selecionamos duas pesquisas que corresponderam nossas expectativas em relação à temática salientada no nosso trabalho.

Abaixo, o quadro 02 apresenta a relação das 20 pesquisas selecionadas para serem apresentadas neste trabalho:

Quadro 02 - Levantamento de Pesquisas referentes a temática

AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR	PROGRAMA/UNIVERSIDADE	ANO
Lucas Leal	Animação Cultural e cinema na extensão universitária: um estudo de caso no projeto UNIVERSIDADE DAS QUEBRADAS(UFRJ)	Diogenes Pinheiro	Programa de Pós Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	2013
Kamilla Maria Sousa de Castro	Extensão Universitária na UFPB: Potencialidades e Limites para permanência de graduandos em Saúde	Edineide Jezini Mesquita Araujo	Programa de Pós graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA	2015
Thiago Matias de Sousa Araujo	A Experiência Educativa do Lições de Cidadania (2005 - 2013)	Walter Pinheiro Barbosa Junior	Programa de Pós-Graduação em educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE	2014
Emmanuel Fernandes Falcão	Extensão Popular: Caminhos para emancipação	Jose Francisco de Melo Neto	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA	2014

(Continuação)

Jaqueline Poliane Costa De Sousa	Universidade, escola e comunidade: construindo caminhos para uma educação do campo	Maria do Socorro Xavier Batista	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA	2015
Ligia Cavalheiro Freire	Elementos para uma educação popular infantil: a experiência do Piá	Lisete Regina Gomes Arelaro	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	2013
Leonardo Dorneles Goncalves	Extensão Universitária e Associativismo Popular: um estudo a partir da Educação Ambiental Crítica	Vilmar Alves Pereira	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE	2013
Valeria Maria Rodrigues	O programa de extensão universitária - PROEXT - no contexto das políticas educacionais no período de 2003 a 2012: uma análise a partir da experiência da UFU	Marcelo Soares Pereira da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	2014
Edileusa Medeiros Bezerra	Gestão de projetos extensionistas: um estudo de caso na extensão da universidade do estado da Bahia	Nadia Hage Fialho	Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA	2013
Priscila Resende Silveira	Tecendo saberes no TEIA/UFV: práxis e extensão universitária	Daniela Alves de Alves	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA	2014
Pedro Jose Santos Carneiro Cruz	Agir crítico em nutrição: uma construção da educação popular	Jose Francisco de Melo Neto	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA	2015
Alfredo Balduino Santos	Extensão universitária como viabilizadora de políticas públicas: a visão de acadêmicos da UDESC	Stavros Wrobel Abib	Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Políticas públicas UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ	2013
Carina Silva Vieira Santos	Extensão Universitária: concepções presentes na formalização e em propostas e práticas desenvolvidas na Universidade Federal do Paraná (1968-1987)	Nadia Gaiofatto Goncalves	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	2014
Tais Araujo	Educação e democracia: uma análise das afinidades entre Paulo Freire, as ideias da Escola Nova e do Nacional Popular (1957/1963)	Mauricio Cardoso	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	2015

(continuação)

Ives Romero Tavares do Nascimento	Incubadoras de economia solidária e extensão universitária: possibilidades e inovação	Genauto Carvalho de Franca Filho	Programa de Pós-Graduação em Administração UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	2013
Ana Luiza Salgado Cunha	A experiência como prática formativa de estudantes na extensão universitária	Marisa Barletto	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA	2013
Viviane Groppo Nunes Cerqueira	Extensão universitária, serviço social e movimentos sociais - a experiência do núcleo agrário terra e raiz da UNESP Franca/SP - 1997/2007	Ademir Alves da Silva	Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	2015
Cicero Pedroza da Silva	COCO DE RODA NOVO QUILOMBO: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade Quilombo de Ipiranga no Conde-PB	Aline Maria Batista Machado	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA	2014
Fabio Accardo de Freitas	Educação Infantil Popular: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST	Ana Lucia Goulart de Faria	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	2015
Margarida Maria de Almeida Rodrigues	Educação de jovens e adultos: vozes de inclusão protagonizadas em saberes culturais na Amazônia.	Ivanilde Apoluceno De Oliveira	Programa de Pós-Graduação em Educação UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ	2014

Fonte: Portal de Periódicos CAPES, Banco de Teses e Dissertações

No mapeamento, identificamos várias dissertações relacionadas a Projetos de Extensão Universitária. Contudo, para nossa análise selecionamos um total de 20 dissertações, buscando como ponto em comum entre estas, a ação libertadora de humanização da pedagogia freireana mediatizada pelo diálogo. Assim, a educação é vista como um processo pedagógico de conscientização almejando a transformação social a partir da *práxis* dos projetos de extensão.

A metodologia da Educação Popular é utilizada em todos os trabalhos para contribuir com as mais variadas propostas de extensão universitária em diversas áreas do conhecimento, sendo sua maior concentração na área das Ciências Sociais. Grande parte dos estudos são projetos realizados com associações, cooperativas, movimentos sociais, educação básica, educação de

jovens e adultos. Tal perspectiva pode estar relacionada às afinidades que tais grupos tenham com o histórico da proposta da educação popular.

3.1 EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO COM BASE NA EDUCAÇÃO POPULAR

Com base no levantamento das dissertações, selecionamos uma destas pesquisas cuja temática dialoga e contribui com a análise aqui apresentada. A dissertação escolhida para compartilharmos as discussões em torno do assunto e trocarmos experiências é intitulada *Extensão Popular: caminhos para emancipação*, de Emmanuel Fernandes Falcão, realizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e defendida no ano de 2014. O critério utilizado para escolha foi a concepção da Educação Popular e extensão universitária, trabalhadas a partir da proposta e conceito de emancipação mencionada pelo próprio autor no desenvolvimento de seu trabalho.

Tal trabalho teve como orientador José Francisco de Melo Neto. A pesquisa investigou a extensão popular do Projeto Interdisciplinar de Ação Comunitária com as lideranças do Território da Zona da Mata Norte do estado da Paraíba, do Vale do Mamanguape. Através do método do materialismo histórico⁹, o autor buscou analisar o espaço universitário na perspectiva de desenvolver processos emancipatórios. O primeiro capítulo do texto refere-se à *Extensão Universitária: conceitos e concepções*, o segundo traz *Elementos que contribuem para a emancipação* e o terceiro capítulo *A experiência do trabalho Interdisciplinar de Ação Comunitária – PIAC*, finalizando com o capítulo *Extensão Popular e emancipação: sínteses conceituais para além do PIAC*.

Emmanuel Fernandes Falcão apresenta inúmeras problematizações que surgem da extensão popular realizada por ele no PIAC. Há de acordo com o mesmo (2014, p.33) questionamentos pertinentes à prática extensionista e reflexões acerca do papel da extensão na universidade enquanto propositora da emancipação:

Quais são os espaços possíveis dentro da universidade para que ocorram esses processos? Seriam projetos de extensão popular os

⁹ O materialismo Histórico dialético é uma metodologia pensada por Karl Marx e Friedrich Engels, a qual busca compreender a sociedade nos aspectos econômico, histórico e social.

espaços potenciais de construção do conhecimento emancipatório? Seriam essas experiências estudadas um caminho para identificar essas categorias como dimensões para a construção de processos emancipatórios? Será que a emancipação pode ocorrer pela universidade? Existem elementos para promover o protagonismo de sujeitos através da extensão popular?

As problematizações trazidas pelo autor são essenciais para reflexão de uma prática extensionista libertadora e emancipatória, de acordo com a metodologia da Educação Popular. As indagações servem também para reflexão nesta dissertação, pois por diversas vezes, direta ou indiretamente, nos deparamos com esses questionamentos no *Projeto Jovens em Cena*, acerca do protagonismo dos adolescentes e jovens e, qual o nosso papel enquanto extensão na promoção desse protagonismo.

Falcão (2014) apresenta no primeiro capítulo um retrato histórico da origem da extensão universitária destacando os pilares assistencialistas que embasaram tal prática e que ainda reflete alguns de seus resquícios. Segundo o autor, a universidade não pode se colocar no status de dona do saber a qual vai levar o conhecimento aqueles que nada sabem, por meio da extensão.

A partir da história da extensão universitária, Falcão (2014, p. 53) orienta um novo formato de extensão universitária, esse formato ele denomina de extensão popular:

Essa modalidade de extensão encontra, na educação popular, uma base filosófica, teórica e metodológica para fundamentar e melhorar as discussões sobre essas ações. Conforme ressalta Cruz (2011, p. 48), “no campo da extensão popular, a educação popular, configura-se um jeito de estar no mundo, de pautar as relações humanas e sociais, de conduzir o processo de trabalho, o processo educativo.” Assim, mesmo sem ter adjetivação que vem difundindo-a atualmente (popular), é certo que as práticas de extensão em educação popular são antigas e foram sendo elaboradas ao longo do tempo, centradas na ação comunitária e apoiadas por alguns movimentos sociais.

Neste sentido, a extensão popular configura-se com base na E Educação Popular propondo um novo modo de fazer extensão. Segundo o autor essa modalidade tem em vista proporcionar a indissociabilidade do tripé ensino/pesquisa/extensão e caracteriza-se fortemente por estabelecer o comprometimento social com a comunidade. Outra marca desta modalidade de extensão configura no processo de transformação social que propunha a emancipação e desenvolvimento das comunidades com base na ação e

reflexão do agir extensionista, num movimento de intensa autocrítica sobre a prática produzida nas comunidades pelos projetos de extensão.

O autor comenta ainda que este modelo de extensão está intrinsicamente associado com algumas parcerias dos movimentos sociais. Consequentemente, transparece o caráter político, marcado pelo compromisso social com a classe trabalhadora, baseado em ações que promovem a emancipação das comunidades. Desse modo, todos os envolvidos – comunidade, extensionistas, professores e comunidade – saem ganhando com a proposta de troca de saberes.

De acordo com Falcão (2014, p. 60):

Essa extensão, de cunho popular, objetiva efetivar a aproximação das universidades com setores da sociedade, numa perspectiva de estabelecer relações que apontem possibilidades de transformações políticas e sociais, em várias direções. Por esse motivo, avento as categorias participação e organização, para chegar a uma possível emancipação.

Percebe-se assim, a importância deste modo de fazer extensão, uma forma que ultrapassa os muros da universidade e vai além, desafia essa instituição a mergulhar no universo da comunidade. Com essa inclusão a troca de experiências enriquece a ambos envolvidos e projeta o desenvolvimento comunitário. Com esse modelo a universidade rompe com as práticas tradicionais de extensão e propõe um novo jeito de interagir com a sociedade.

Ainda de acordo com Falcão, a proposta de extensão popular já vem sendo pensada e ganhou um movimento nacional, denominado de Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), no ano de 2005. O movimento mobilizou professores, estudantes, movimentos sociais e a sociedade em geral com o intuito de implementar programas e projetos de extensão popular em todo país. Tais práticas visavam proporcionar um espaço de partilha das informações sobre esse novo jeito de pensar extensão.

No decorrer da sua pesquisa Falcão (2014) apresenta elementos que contribuem para o processo de emancipação nos projetos de extensão, em especial no estudado pelo autor. Ele traz a concepção da emancipação dialogando com a extensão popular.

O autor inicia o segundo capítulo mencionando a utilização do trabalho comunitário da extensão popular como um modo de enfrentamento ao modelo neoliberal, através do discurso horizontal entre o saber científico e o saber popular. Seguindo esse caminho a emancipação surge cumprindo seu papel de transformação social nas comunidades.

Falcão (2014, p. 64 *apud* PIZZI, 2005) traz o seguinte conceito de emancipação:

O conceito de emancipação deriva do latim *emancipare*, que se relaciona ao processo do individual ao coletivo, de considerar pessoas ou grupos independentes, e representa o processo histórico, ideológico, educativo ou formativo de emancipar indivíduos, grupos sociais, comunidades e países da tutela política, econômica, cultural ou ideológica.

A ideia de emancipação trazida pelo autor busca num processo coletivo oportunizar as pessoas e comunidade a consciência crítica do contexto em que se vive. Com isso desenvolve um processo libertador, promovendo a participação social em espaços de políticas públicas até então não ocupados por esses indivíduos.

Falcão (2014, p. 66) traz os conceitos de emancipação a partir dos olhares de Marx, Gramsci e Paulo Freire. A partir desta tríade teórica, destacamos o olhar de Paulo Freire mencionado pelo autor da seguinte maneira:

Para Freire, a emancipação perpassa a educação, num processo contínuo de aprendizado que conduz o ser humano à aventura de indagar, imaginar, pensar e refletir sobre a pessoas ou ser humano e perceber que essa atitude termina por marcar a natureza humana na procura do conhecimento sobre si e sobre o mundo. Ele acrescenta também que é vocação humana. Ou seja, o ser humano para refletir sobre si mesmo e colocar-se em determinado momento, numa busca de ser mais e, ao mesmo tempo fazer uma autorreflexão, pode se descobrir um ser inacabado ou um ser em construção, numa constante busca de se transformar.

Na concepção de Freire, o homem é apresentado como um ser relacional que interage com a sociedade, estando aberto ao novo e projetando-se diante dos seus sonhos, na busca pela sua construção, ocorrendo através do processo emancipatório com a educação.

O caminho para se chegar a emancipação é categorizado pelo autor por meio de categorias como autonomia, participação e organização relacionados ao PIAC. Cada categoria dessas é abordada pelo autor Falcão (2014) trazendo os conceitos referentes à sua abordagem que serão analisados na experiência do Programa.

No terceiro capítulo, *A experiência do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária – PIAC*, Falcão nos apresenta o programa em si, o qual corresponde a uma ação extensionista e tem como objetivo promover uma ação interdisciplinar de conscientização. As atividades são pensadas a partir das demandas das comunidades, e emergindo dessa premissa são realizadas atividades sociais, culturais, educacionais, de saúde e produtivas.

A ação é promovida com base no levantamento das demandas da comunidade, desenvolvida pelos agentes da universidade e, em seguida, é formado um grupo de moradores que buscam articulação com os órgãos responsáveis por cada demanda apresentada no anseio da resolução dos problemas. Quando os problemas apresentados são pequenos a comunidade intenta em resolvê-los.

Segundo Falcão (2014, p.77), os passos seguidos para o desenvolvimento do projeto seguem o relato abaixo:

Procuro respeitar os traços culturais do território, ou da comunidade assistida, é buscar conhecer os elementos culturais nas reuniões de articulação, iniciando pela própria vivência no território, para poder contribuir com os espaços de problematização, depois, com diagnósticos e as reuniões técnicas de reflexão e capacidade de resolutividades, sob a ótica dos agentes internos, com o apoio de agentes externos. Em seguida, são levantadas as aspirações da comunidade, os temas recorrentes de preocupações e eventuais objetivos de projetos de ação individual e coletiva. Uma vez acertadas as discussões e hierarquização dos problemas prioritários, a partir das decisões coletivas, posso me debruçar sobre a temática escolhida e iniciar a mobilização dos trabalhadores em torno do tema, para ajudar no empoderamento deles sobre o tema, para que, nessa visão sistêmica, as decisões sejam sempre apontadas pelos agentes internos, ou seja, os trabalhadores.

A metodologia seguida pelo autor oferece a comunidade o processo de escuta e mobilização em torno dos problemas. A partir dessa organização a comunidade é levada a refletir sobre suas condições assim num processo

pedagógico ela se conduz pelo caminho emancipatório na busca por políticas públicas que garantam os direitos de vivenciar uma boa cidadania.

O Programa ganhou uma amplitude nacional e com isso o autor pensou na necessidade de organizar em passos metodológicos o caminho trilhado nas comunidades. Assim ele apresenta como se deu o desenvolvimento do projeto em outras comunidades. Finalizando seu texto, com o capítulo denominado *Extensão popular e Emancipação: sínteses conceituais para além do PIAC*, nos é apresentado à reflexão realizada pelo autor em relação ao conceito de extensão universitária, apresentando-o da seguinte maneira:

Ao me referir à Extensão Popular, estou falando de uma Extensão Universitária que não é qualquer trabalho fora da academia, ou mero serviço assistencialista a população carente. Seu propósito é maior: fundir o que se aprende e se produz na Universidade e aplicar para o desenvolvimento de uma comunidade, de modo respeitoso e valorativo dos saberes, das histórias, das lutas e dos interesses das classes populares. (FALCÃO, 2014, p.130)

Falcão (2014) vai além de uma extensão universitária, pois o mesmo pensa num processo de extensão que proporcione a todos o papel de sujeitos da emancipação, não diferindo se estes são estudantes ou os trabalhadores das comunidades. O autor reflete na possibilidade de uma proposta, em que a produção conhecimento supere as fronteiras da universidade e chegue até as comunidades, contribuindo com seu desenvolvimento e proporcionando a superação das desigualdades.

A pesquisa de Falcão nos apresenta a proposta de uma interação entre os saberes acadêmico e popular, nos quais um não sobressaia o outro, mas que na interação eles cumpram com seu papel de promoção social. Com isso a universidade visa aprimorar suas atividades qualificando o ensino, a pesquisa e a extensão, contribuindo com o desenvolvimento social comunitário.

O conceito de extensão popular é apresentado por Falcão (2014, p.130) como uma ação para combater o sistema capitalista, a qual tem potencial para proporcionar instrumentos de lutas emancipatórias para os trabalhadores e comunidades. Para isso o autor relaciona o papel da extensão popular com a Educação Popular e a intencionalidade política na construção do conceito de extensão que queremos.

Essa ideia de extensão é construída através do pensamento crítico reflexivo com a pretensão de compreender os processos extensionistas no ensino superior, repensando seus objetivos tanto na teoria quanto na prática.

Nesse sentido, o estudo realizado pelo autor traz questionamentos e reflexões apresentadas pela sua prática extensionista. As tensões apresentadas por Falcão fazem referência a uma prática que busca inovar, fugir das “mesmices” nas práticas da extensão. A extensão popular surge como uma alternativa as práticas que até então seguem o interesse do capital, pois não atendem os anseios da realidade da comunidade, de acordo com a análise apontada por Falcão (2014).

O desafio de realizar uma extensão popular é trabalhar com a ferramenta chamada *conhecimento*, que pode ser explorada na troca de saberes com a comunidade. Por isso, aliada com a Educação Popular, tal prática procura a promoção de todos os sujeitos, na garantia de uma vida digna.

Falcão (2014, p.141) tem por assertiva:

Quem seria eu, se não o outro? Então a Educação Popular está justamente na promoção do outro. Não devo me preocupar se sou um cidadão bom ou ruim e a que raça pertença, pois entendo a raça como humana, por tanto não cor amarela, vermelha, branca ou preta. O que importa é que o outro precisa ter garantido os seus espaços de luta com tranquilidade, e que eu possa viabilizar essa troca de conhecimentos como ferramentas, para que os trabalhadores sem instrumentalizem melhor a partir da troca de conhecimentos, para enfrentar seu analfabetismo, na luta por espaço na mídia, no embate travado com os produtores canavieiros; na luta por moradia e para viver com dignidade dos que são obrigados a viver nas favelas, nas beiras de rio.

Falcão nos apresenta outro ideário de extensão, o qual nasce a partir de uma ideologia e acima de tudo da realidade do povo, com o objetivo de contribuir com os extensionistas numa prática comprometida e transformadora.

Dessa forma, conseguimos observar contribuições significativas acerca das concepções descritas na pesquisa ora apresentada. Pois, mesmo diante das dificuldades encontradas no decorrer do *Projeto Jovens em Cena* buscamos desenvolver ações extensionistas comprometidas com a transformação dos sujeitos. Sujeitos estes, que nos ensinaram a compreender

na prática, várias das concepções teóricas apreendidas na academia. Além de exercitarmos constantemente a ação interdisciplinar.

Outro ponto que podemos relacionar com a temática abordada nesta pesquisa, se refere à metodologia da Educação Popular. Esta nos apresentou desafios e reflexões de autocrítica acerca do trabalho por nós realizado. Consideramos que trabalhar numa relação horizontal conforme nos sugere Freire (1987) exige de nós o esforço de compreender o contexto histórico-cultural no qual todos os sujeitos estão inseridos, o que nos propõe a uma série de tensionamentos entre pessoas e instituições.

O método de trabalho de Educação Popular nos provoca a construir uma proposta pedagógica aberta, a qual não oferece nenhuma fórmula (FALCÃO, 2014). O trabalho PIAC vivenciado pelo autor nos apresenta um novo jeito de fazer extensão, sendo esta prática invariavelmente ligada a Educação Popular.

4 EDUCAÇÃO POPULAR: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

4.1 O CONCEITO DA EDUCAÇÃO POPULAR E ALGUMAS REFLEXÕES

O conceito da Educação Popular surge na década de 1960, embalado pelos Movimentos de Cultura Popular. A movimentação iniciou-se com alguns estudantes, professores e Técnicos do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Pernambuco. Estes estavam inseridos na proposta de alfabetização de jovens e adultos, e tiveram uma iniciativa extensionista de apoiar e promover a cultura popular, baseados na conscientização política e econômica sobre as condições de vida da população. Foi um período no qual ocorreu a luta universitária pela implantação de um processo de extensão que viria a colaborar de maneira crítica e efetiva nas comunidades, através da relação com a Educação Popular.

Werri (2008, p.184), apresenta em sua Dissertação de Mestrado *A função social da educação para Paulo Freire (1958-1965)*. UEM: 2008. O importante papel desempenhado por Paulo Freire, na formulação de uma educação libertadora, tendo em vista o contexto histórico no qual desenvolveu seu pensamento. Para a autora:

[...] o movimento de Educação Popular da década de 1960 foi um ator altamente relevante em quase todos os conflitos pela democratização social e educativa da América Latina. Exerceu o importantíssimo papel de questionar os princípios excludentes que regiam os sistemas de instrução dos Estados Nacionais e de impulsionar modificações voltadas para a democratização e a inclusão dos setores populares em todas as áreas e modelos educacionais na América Latina.

Compreende-se dessa forma a participação histórica da Educação Popular, na luta política por um processo educacional que buscasse a emancipação do povo num período de democratização do país. Podemos constatar assim, que a relação entre a extensão universitária e Educação Popular pode proporcionar um ambiente de produção coletiva do conhecimento, estabelecendo o conhecimento não apenas como científico ou

superior como muitas vezes é apresentado no espaço da academia, mas sendo um conhecimento popular enraizado na cultura dos povos.

O princípio metodológico deste trabalho partiu da Educação Popular, relacionando uma metodologia participativa, a qual buscou a superação das injustiças sociais através da participação popular, política e comunitária. Visamos a problematização da realidade com os elementos que a constituem, tendo como origem a valorização do saber popular.

O objetivo mais do que repassar o conhecimento é o de problematizar, através de métodos dialógicos, o mundo no qual estamos inseridos e quais são nossas ações sobre ele. Essas questões foram o ponto de partida para orientar uma prática educativa que visa emancipação dos sujeitos da comunidade e a ampliação nas fronteiras da formação dos acadêmicos.

Nesta perspectiva, transformar a realidade deve ser um processo protagonizado pelos próprios sujeitos inseridos no âmbito social, o que os tira do lugar de objetos da educação e os coloca como sujeitos participativos, que não apenas recebem o conhecimento, mas que o constroem. Construir o conhecimento juntamente com os sujeitos e buscar a transformação coletivamente, torna-se um dos grandes desafios da Educação Popular. Este movimento exige a ruptura com as metodologias impostas e pré-estabelecidas, hierarquizadas e hierarquizantes, as quais estamos historicamente acostumados. Construir espaços em que os sujeitos da educação tornem-se os protagonistas do processo apresenta-se como um constante desafio.

Freire, (1987, p.03) expressa tal condição da seguinte maneira:

Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera.

Dessa forma, Freire (1987) expressa significativamente o sentido de uma prática comprometida com a transformação dos sujeitos. Compreendemo-la como um meio de promover um diálogo horizontal com as pessoas, buscando a tomada de consciência da realidade concreta para a busca de autonomia e inclusão dos sujeitos na sociedade.

Atualmente a Educação Popular ganhou evidência nos espaços políticos na esfera do Governo Federal. Hoje, militantes políticos, movimentos populares sociais, educadores e simpatizantes da Educação Popular, celebram a publicação de um *Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (2014)*. Este documento apresenta o seu processo de elaboração, contexto, objetivos, princípios e diretrizes, metodologia e campos da prática para a educação popular.

Uma das importantes contribuições do marco refere-se aos Campos das Práticas da Educação Popular. Este item dá suporte aos territórios que esta metodologia pode estar inserida. Além de destacar a Educação Popular como uma ferramenta necessária a ser utilizada nos espaços institucionais, como a Universidade. Nesta perspectiva, o documento enfatiza a Educação Popular como instrumento político para a formação dos sujeitos e construção do conhecimento, partindo da seguinte ideia:

Temos como ponto de partida que a Educação Popular é um processo coletivo de elaboração do conhecimento que desenvolve junto a educadores (as) a capacidade de ler criticamente a realidade para transformá-la e que a apropriação crítica dos fenômenos e de suas raízes permite o entendimento dos momentos e do processo da luta de classes, ajudando a quebrar as formas de alienação, a busca e descoberta do real e para a sua superação. (BRASIL, 2014, p.61).

Percebemos desta forma a relação de protagonismo na produção do conhecimento entre os diversos atores sociais. À medida que se propõem a realizar uma leitura crítica da sociedade, requer-se a ousadia de interpretar a partir da minha leitura de mundo enquanto sujeito social, e reconhecer a leitura do mundo do outro como um olhar sobre a realidade na qual ele vivencia cotidianamente.

Desse modo, devemos constantemente interpretar o processo da luta de classes como um movimento social que ainda faz parte da *práxis* presente no contexto que estamos inseridos. Caracteriza um modelo excludente repleto de tensões, pertinentes a uma parcela da população que sofre com as injustiças sociais, e muitas vezes sem a oportunidade de se reconhecer enquanto sujeitos e agentes de transformação.

Cabe ressaltar metodologicamente o que Freire (1983, p.20) nos chama a atenção para o contato com a realidade concreta: *“Quanto mais alguém, por*

meio da ação e da reflexão, se aproxima da “razão”, do “logos” da realidade, objetiva e desafiadora, tanto mais, introduzindo-se nela, alcançará o seu desvelamento”. O contato por meio da ação e da reflexão praticada por aqueles que se desafiam a construir a realidade coletivamente, pressupõe um conhecimento sensível com a totalidade social. O conhecimento produzido por meio dessa prática não é neutro, mas sim intencional.

Utilizar a metodologia Freireana da educação popular como recurso da produção de saberes a partir dos projetos de extensão universitária é assumir uma prática libertadora de educação tanto para os sujeitos estudantes como para os sujeitos da comunidade, para ambos a prática educacional é libertadora e irá gerar uma transformação.

Para Freire (1983, p.13) a definição do termo extensão é conceituada da seguinte maneira:

Extensão Invasão cultural (através do conteúdo levado, que reflete a visão do mundo daqueles que levam, que se superpõe à daqueles que passivamente recebem). Parece-nos, entretanto, que a ação extensionista envolve, qualquer que seja o setor em que se realize, a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí que, em seu “campo associativo”, o termo extensão se encontre em relação significativa com *transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural*, manipulação, etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar, como veremos, a formação e a constituição do conhecimento autênticos. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações.

Paulo Freire resume seu pensamento sobre a extensão universitária no parágrafo acima citado, expressando também o que discutimos até agora nesse trabalho. O termo invasão cultural expressa a ação opressora que muitas vezes nossas comunidades que recebem projetos de extensão sofrem, nos quais as pessoas são tratadas como meros objetos de pesquisa, sem sequer ser levada em consideração a história e a cultura de cada sujeito.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa buscamos realizar uma aproximação diferenciada das costureiras entre universidade e comunidade, dentro da comunidade conversávamos com um grupo específico que eram adolescentes e jovens. O diálogo promovido através da educação popular

buscava romper com algumas barreiras impostas pela relação de dominação exercida pela universidade e aceita pela sociedade.

A comunidade nos apresentava uma realidade marcada pelo abandono das instituições públicas responsáveis por proporcionar uma qualidade de vida digna aos moradores da mesma. Ruas sem asfalto, falta de espaço de lazer e cultura para os jovens entre outras situações remetiam aquela população a situações de vulnerabilidade social.

De acordo (SOUZA et al, 2006), a rápida evolução tecnológica nos adventos científicos, foram responsáveis pela crescente desigualdade social e uma grande inversão de valores, na qual predominam o individualismo, a competitividade, estética e consumo desordenado, marcas estas impressas nas comunidades.

De acordo com Sawaia (2012), a descoberta da comunidade teve um movimento amplo de avaliação crítica do papel das ciências e na seqüência do paradigma da neutralidade científica, com o início na década de 60 e culminadas nas décadas de 1970 e 1980.

O significado da palavra comunidade surge do latim *comunitas*, **comunidade** - companheirismo, de *communis* “comum, geral, compartilhado por muitos, público”. Pereira (2001, p.145) conceituou comunidade da seguinte forma:

“Comunidade é um agrupamento de pessoas que vivem em uma determinada área geográfica ou território (rural ou urbano) cujos membros têm alguma atividade, interesse, objetivo ou função em comum, com ou sem consciência de pertencimento, e de forma plural, com múltiplas concepções ideológicas, culturais, religiosas, étnicas e econômicas”

De acordo com esse conceito de comunidade compreendemos este espaço como um lugar de encontro de certo grupo de pessoas unidas por algo em comum, como diz o autor Pereira (2001). No caso da nossa pesquisa trabalhamos com dois tipos de comunidade a comunidade acadêmica e a comunidade jovem. As duas têm raízes sociais e culturais diferenciadas e a partir do trabalho da extensão universitária tentou-se a promoção do diálogo entre as duas.

No projeto de extensão aqui em estudo, tivemos essa oportunidade de crescer profissionalmente enquanto nos colocávamos a disposição da

comunidade. Dessa forma tentamos proporcionar aos jovens um espaço de reflexão e escuta dos anseios da juventude dessas comunidades.

De acordo com Pereira (2001, p. 151) “[...] o grupo, comunidade, a sociedade é o espaço público de encontros e diálogos sobre os problemas privados dos sujeitos e das questões públicas da polis”. No nosso trabalho buscamos efetivar um espaço de diálogo e exposição das diversas situações que a comunidade vivenciava, em especial a juventude.

Pereira (2001, p. 151) o papel de uma ação dialógica na relação com a comunidade:

“É um contra-senso que alguém proponha isoladamente uma teoria [...], a metodologia em trabalho comunitário faz uma ruptura com esse lugar privilegiado de alguém que detêm um certo saber, prestígio e poder, e opta por uma ação mais dialógica.”

Propor uma teoria descolada da realidade concreta não responde a todos os questionamentos que embasam o conhecimento científico. Para Guareschi (2012), existem dois elementos que é necessário se ter em mente no contato com as comunidades: primeiro: o respeito pelo saber dos outros. Prestar atenção no que as pessoas fazem e dizem, processo que se dá pela inserção; segundo: garantia de autonomia e autogestão das comunidades; os elementos citados pelo autor são fatores imprescindíveis para uma ação extensionista transformadora como citam os documentos que a orientam.

Assim a educação popular também segue esses preceitos de trabalho comunitário, ela busca oferecer ao oprimido o acesso a palavra que lhe é negada, oportunizando uma pedagogia horizontal em que todos os sujeitos sejam ouvidos.

Brandão (1985, p.140) define a relação pesquisador/pesquisado nomeando de investigação militante - que *“coloca a inserção como uma técnica de aproximação da realidade, é uma forma de focalizar o compromisso, reconhecendo todas as suas conseqüências”*. No caso do nosso projeto a inserção foi essencial para o conhecimento do território e dos sujeitos que nela habitavam, o que nos proporcionou momentos ricos de diálogo com a comunidade.

4.2 O DIÁLOGO ENTRE EXTENSÃO E UNIVERSIDADE

Com grande recorrência na literatura científica, destinada a análises do conjunto Universidade e Extensão, há a menção de que tal prática está historicamente fundamentada em ações assistencialistas e prestadoras de serviços a sociedade. Nadal (2014) em seus estudos sobre a extensão universitária retrata o objetivo de promover uma maior aproximação com a sociedade, propondo ações que influenciassem nas condições práticas da vida política, social e econômica da população.

A partir das leituras realizadas podemos constatar que as políticas de extensão idealizam uma proposta extensionista transformadora e interlocutora da tríade ensino/pesquisa/extensão. Mas, na verdade, estamos distantes de vivenciarmos projetos extensionistas que superem a distância entre Universidade e Comunidade, ou ainda entre o saber popular e o saber acadêmico.

O documento da Política Nacional de Extensão, datado de 2012, reafirma este objetivo enfatizando a “[...] mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia” (FORPROEX, 2012, p.04). Tendo em vista essa orientação, as universidades brasileiras buscam em suas atividades extensionistas o comprometimento acadêmico e a formação plena das comunidades que recebem os projetos. No entanto, apesar dos esforços, os elementos propostos pelo documento ainda estão distantes da prática extensionista.

Ao analisar alguns estudos sobre esta temática, percebemos as mazelas presentes em projetos de extensão das universidades. Observamos em especial os estudos realizados na extensão universitária da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, instituição esta na qual realizamos também nossa experiência extensionista e que é o objeto de estudo desta pesquisa.

O regulamento das atividades extensionistas da UNICENTRO, possuem como princípio geral norteado pela seguinte definição:

[...] um processo inter, multi e transdisciplinar, envolvendo diversas áreas do conhecimento estabelecidas por meio da troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como conseqüências a

produção do conhecimento resultante da interação com a realidade, a democratização do conhecimento, a instrumentalização e consolidação do processo teórico-prático e a viabilização da relação transformadora entre Universidade e Sociedade. (FORPROEX, 2012, p.1)

Com esse princípio norteador, as práticas extensionistas são orientadas a desenvolver projetos que possibilitem o desenvolvimento de ambos os sujeitos envolvidos no mesmo, tendo como objetivo a transformação de todos. O Regulamento da UNICENTRO apresenta em linhas gerais alguns objetivos do trabalho extensionista, sendo eles:

Em linhas gerais, o conceito que o Regulamento traz é similar ao apresentado pelo FORPROEX, no entanto, a UNICENTRO apresenta a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão como um dos objetivos:

Constituem objetivos das atividades extensionistas:

I – reafirmar o compromisso institucional da Universidade com a comunidade;

II – promover a articulação com as atividades de ensino e pesquisa, para o atendimento das demandas da comunidade;

III – produzir conhecimento resultante da interação com a realidade, priorizando metodologias participativas;

IV – ampliar o horizonte das atividades de ensino para além da sala de aula;

V – constituir-se em oportunidade de campo de estágio e de realização de atividades complementares.

Os objetivos apresentam elementos importantes e geradores da prática. Ressaltamos nossa atenção a um dos objetivos apresentados, o qual destaca sobre a prioridade de trabalhar com metodologias participativas. Este fora um dos pontos cruciais, e que tentamos realizar no Projeto *Jovens em Cena*, através da Educação Popular. Almejamos desenvolver um processo de diálogo, em que ambas as partes saíssem enriquecidas pela troca de experiência.

Nessa perspectiva, o autor José Francisco de Melo Neto (1996, p.18) comenta:

[...] uma extensão que contenha um aprendizado pedagógico no sentido de um aprendizado dual - a universidade aprende enquanto ensina e é ensinada enquanto aprende com as classes sociais, com o estudo da realidade objetiva.

O aprendizado citado pelo autor nos remete a refletir as metodologias de trabalho comunitário que rompem com as hierarquias e empoderam todos os sujeitos através de uma ação dialógica, uma posição horizontal na relação entre universidade e comunidade.

Nesse sentido, as políticas de extensão que optam por essa metodologia visam uma ação extensionista transformadora, conforme propõe seus documentos desfazendo com a visão utilitarista da extensão.

Machado (2011) em seus estudos sobre a história da política de extensão nacional destaca uma concepção recíproca da participação popular, a qual não é apenas receptora de benefícios dos projetos, mas aludindo a produção do conhecimento em todos envolvidos. Dessa forma, compreende-se a comunidade como espaço de aprendizagem, aonde a universidade promove a qualificação de profissionais com outra visão da realidade concreta.

A extensão universitária pode ser compreendida como espaço no qual se busca:

[...] fortalecer e consolidar o elo de interação entre a Universidade e a Sociedade, sobretudo para conjugar num mesmo plano a formação acadêmica com a socialização do conhecimento [...] de forma a promover a troca de saberes (UNICENTRO, 2014).

A ideologia dominante tem causado grande impacto na formação universitária, sua influência determina as ações ideológicas que a instituição formula na sua política acadêmica. Nesse sentido, é possível averiguar este impacto nas relações da extensão universitária com as comunidades, nas quais são reproduzidas a lógica dominante. Os discursos proferidos pelos extensionistas, na maioria das vezes são carregados de uma lógica.

Percebemos como esses discursos são manipuladores e interesseiros, pois, imobilizam os sujeitos oprimindo suas práticas de mudança, convencendo-os de uma situação já dada sem possibilidades de qualquer possível reação:

Como assevera Paulo Freire (1966:20): “[...] a ideologia fatalista, imobilizante, acusatória, que transfere responsabilidade e dela se auto-isenta, anima o discurso político dominante e, com ares de pós-modernidade, insiste de convencer-nos de que nada podemos contra a realidade.”, que a ela devem os sujeitos se adaptar, já que não pode ser mudada, e que evidências de afastamento de rumo e

quebra de compromissos devem ser tratados na perspectiva do fatalismo observador (FARIA, 2004, p.159)

A reprodução de tal lógica se insere na prática extensionista dos acadêmicos atuando de tal forma a promover ações opressoras que desrespeitam a autonomia das comunidades, desconsiderando o saber popular, mantendo a lógica capitalista de dominação de tais territórios.

Segundo Orlandi (2001, p.32) a prática de extensão age como um mecanismo de prestação de serviço da universidade para comunidade:

Essa forma de considerar as relações da universidade como prestadora de serviços reflete-se na universidade de maneira a reduzi-la a um “mediador” que reproduz a comunidade tal qual. Sem nenhuma crítica e com bastante anacronismo.

Nesse sentido, reiteramos novamente uma discussão apresentada por Orlandi (2001, p.32), questionando o papel da universidade enquanto “prestadora de serviço”. A autora propõe outro processo a ser desenvolvido na prática de extensão:

O que propomos, então, é que a interação entre a universidade e os outros setores da sociedade não tenha a forma de prestação de serviços, mas se articule, enquanto instituição, de forma clara e crítica com as outras instâncias sociais.

A autora defende o papel da universidade como uma articuladora das ações extensionistas, propositivas de articulação social. Isto significa romper com um processo educacional que se limita no trabalho intelectual, e não se propõe a assumir as dificuldades reais das comunidades. Nessa perspectiva, a educação popular vem contribuir metodologicamente para esta prática libertadora das ações articuladas em prol das comunidades.

Temos como pressuposto, portanto, que a extensão universitária não pode ser uma sobreposição de saberes e nem exercida de maneira impositiva e autoritária na comunidade em que atua. Para tanto, há de se valorizar o contexto em que se insere, entendendo-o enquanto histórica e culturalmente constituído e permeado por diversas relações. O objetivo, além do repasse de conhecimento, é o de problematizar através de métodos dialógicos, o mundo no qual estamos inseridos e quais são as ações sobre ele.

De acordo com Fleury (1988), numa visão acadêmica dos projetos de extensão, estes são historicamente assistencialistas, emergindo expressivamente na sobreposição de um saber acadêmico empoderado pelo conhecimento científico, sobre os saberes populares também constituídos historicamente e repletos de uma riqueza cultural partilhada pela comunidade.

Nesse sentido, o papel da extensão universitária precisa ser compreendido como possibilitador do empoderamento de todos os sujeitos. Uma das conceituações de empoderamento, disponíveis na literatura, vem de Freire e Shor: “[...] ‘*empowerment*’ a fim de preservar “a riqueza da palavra”, cujo significado é dar poder ao sujeito, ativar a potencialidade criativa, desenvolver o potencial criativo do sujeito e dinamizar sua potencialidade” (1986, p.10). Com essa compreensão a proposta metodológica da Educação Popular tende a desmitificar este conceito de “empoderamento” do saber científico. A prática se propõe a produzir conhecimento com todos os sujeitos inseridos na atividade. Isto causa um impacto educativo na proposta extensionista, que está acostumada a fazer uma educação *para* e não *com* os indivíduos, proporcionando efetivamente o empoderamento da ação extensionista e da comunidade.

Podemos perceber que as relações de poder estão intrínsecas nos interesses supracitados, conforme cita Farias (2004):

O poder, como se observa aqui, não pertence ao indivíduo, pois são as posições institucionais ou organizacionais que em larga medida, determinam as oportunidades de se ter e conservar o poder e de se desfrutar das principais vantagens dessa posse, de forma contínua e importante. Não há poder como entidade abstrata e sim, como relações de poder.” (FARIA, 2004, p.111)

Faria apresenta uma concepção de poder encontrado em Weber, o qual explicita a ideia de poder baseada em posições institucionais ou organizacionais, isto é, ele parte do princípio que são essas posições que definem as relações de poder. O fator determinante que mantém tal concepção são os interesses convenientes ao grupo dominante.

De acordo com Faria, (2004, p.136): “A coerção é base máxima de poder e seu uso nas sociedades mais modernas não é feito às claras, pois ‘os detentores do poder frequentemente a empregam as ocultas’”. Para o autor, a

análise sobre o poder, traz alguns elementos que constituem essa prática, evidenciando a coerção como a base máxima do poder. O destaque é para uma realidade vivenciada nos diversos setores da nossa sociedade, “as bases ocultas” de detenção do poder sutilmente exercem seu domínio através de políticas e ideologias que manipulam a sociedade para manutenção da ordem social, assim os ventos continuam conspirando a favor da elite.

Existem contradições nos valores academia-periferia, dentro do modelo capitalista de sociedade vigente, o qual privilegia certos espaços, discursos e modos de ser, sendo que todos estão atrelados a um modelo produtivista e individualizante.

Segundo Nascimento e Ribeiro (2002) a emergência do capitalismo traz a ideia de que através do mérito pessoal, uma possível ascensão social será alcançada. As ações geralmente são direcionadas pela crença de “quem quer consegue” e as pessoas que não conseguem são classificadas como fracassadas. Conforme Nascimento e Ribeiro (2002), essa lógica gera intensa competitividade e modelos idealizado de vida burguês, criando uma preocupação com aqueles que se encontram excluídos e tendo tentativas para integrá-los.

Percebemos então como a influência da ideologia dominante permeia a prática universitária no seu todo, deixando consequências que interferem nas relações sociais. Dessa forma, a universidade continua formando servos do sistema, atendendo os “interesses econômicos hegemônicos” (TRAGTENBERG, 2002)

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 JOVENS DE PERIFERIA URBANA EM CENA – O QUE FICA?

O cenário em que se passa nosso projeto foi montado a partir da necessidade de garantir o direito a cultura e ao lazer, direitos garantidos pela Constituição Federal artigo 217, porém, que muitas vezes não compõem o cenário das comunidades que estão às margens da nossa sociedade.

O roteiro do projeto começou a se desenhar com base nas necessidades emergenciais do próprio município. Surgiu assim um projeto vinculado ao Programa Universidade Sem Fronteiras, *Jovens de Periferia Urbana em Cena – Inclusão Social Via Cinema Popular*, com uma parceria entre a Universidade Estadual do Centro-Oeste, *Campus Irati* (UNICENTRO) e a Comissão Organizadora da Adolescência e Juventude Ecumênica Missionária (CORAJEM). O objetivo que norteou o projeto foi o de provocar o protagonismo e a participação social de jovens de bairros periféricos por meio de suas expressões e manifestações culturais com base nos princípios da Educação Popular.

Os atores convidados para protagonizar esse projeto foram dois Grupos de Jovens, residentes em bairros periféricos, graduados e recém-graduados de cursos de ensino superior do estado do Paraná, uma organização não-governamental, um Colégio Estadual, uma Escola Municipal, um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e a Secretaria de Cultura do município de Irati-PR.

O projeto *Jovens de Periferia Urbana em Cena: inclusão social via cinema popular*, tinha o intuito de atingir no mínimo 30 jovens com idade entre 15 e 29 anos, oriundos de dois bairros de baixa renda de um município do interior do Paraná. Ao colocar a caracterização dos bairros, é direcionada a juventude-alvo: uma juventude periférica. Periférica porque se situa nos arredores da cidade e dos espaços sociais-culturais-políticos.

O projeto iniciou como uma parceria entre a UNICENTRO e a CORAJEM. O objetivo era levar o cinema popular até os jovens de três bairros iratienses e através dele promover a inclusão social. Os lugares escolhidos

para encenar a história foram os bairros: Vila São João, Alto da Lagoa (apelidado de Morro da Formiga) e Pedreira.

CORAJEM e UNICENTRO se integravam, unindo forças com o objetivo de formar grupos de jovens para trabalhar a ideia central do projeto, promovendo a comunicação e a cultura nas comunidades e, tendo como público alvo, adolescentes e jovens. No bairro Alto da Lagoa, existia um grupo formado pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), com o qual, mesmo estando abaixo da idade desejada, os trabalhos no bairro foram iniciados, adotando como ponto de encontro a Escola Municipal Mercedes Braga. Na Vila São João, outro grupo foi feito, tendo como local de encontro o Colégio Estadual João XXIII. No bairro Pedreira, sede da CORAJEM, não foi possível a constituição do grupo de jovens. Apesar dos desencontros o projeto tomou forma e as ações foram definidas como: sessões de cinema nos bairros abertas ao público, reuniões semanais com os jovens e cinco oficinas.

No Alto da Lagoa, local onde as atividades iniciaram, as reuniões eram feitas todas as quartas-feiras no período da tarde. Eram feitas atividades lúdicas, como jogos e dinâmicas de grupo, e também alguns filmes foram passados ao grupo. As sessões de cinema começaram e os jovens cuidaram do material e da divulgação. No decorrer da efetivação do projeto, algumas diferenças de opinião da Escola, do CRAS e da UNICENTRO, fizeram com que o grupo passasse a se encontrar no sábado, o que possibilitou um acerto maior na faixa etária do público alvo. A partir disso houve a possibilidade de realizar uma Copa do Mundo no bairro e também uma matinê, ações que não estavam previstas no projeto, porém partiram da demanda dos participantes.

Na Vila São João o grupo se formou por intermédio de um questionário resumido que foi utilizado para obter informações junto à escola. Os encontros não eram assíduos e com o decorrer do tempo o grupo acabou se dissolvendo naturalmente, quando isso ocorreu à equipe executora da ação extensionista voltou a realizar outra ação no bairro para que pudesse entrar em contato com os jovens. Programamos um dia com música para chamar a atenção do público alvo. Essa ação gerou melhores resultados, pois o grupo formado a partir deste dia foi o que deu prosseguimento ao projeto. Os novos integrantes passaram a se encontrar todas as quartas-feiras, no período da tarde, no Colégio Estadual João XXIII. Com os grupos nos bairros fortalecidos e as sessões de cinema

acontecendo, era hora de dar prosseguimento à terceira ação escolhida: as oficinas.

Foram programadas *Oficinas de Comunicação Popular*. Eram cinco oficinas que, inicialmente, ocorreriam durante os finais de semana, em média duas vezes por mês. A primeira oficina teve como tema *Comunicação Popular e Funcionamento da Sociedade*, e foi realizada na UNICENTRO, com 16 participantes de ambos os bairros em que realizamos o projeto. A segunda oficina teve como tema *Fotografia e Direitos Humanos*, e foi realizada na UNICENTRO, com um total de 12 participantes. Nesta oficina, realizamos uma saída de campo para fotografar bairros próximos. Para esse dia outro palestrante foi chamado e a sua apresentação foi elogiada pelos jovens.

A terceira oficina teve como tema *Filmagem e Desenvolvimento Comunitário*, e o local de realização a própria Universidade, sendo que contamos com a participação de 18 jovens. Neste dia, tivemos alguns imprevistos relacionados à instituição UNICENTRO, visto que não nos foi concedido local para realizar a oficina e os jovens foram barrados. Após o coordenador do projeto se apresentar na UNICENTRO, para viabilizar a liberação de uma sala, a oficina foi realizada.

A quarta oficina, realizada no Conselho da Comunidade da Comarca de Irati, teve como tema *Graffiti, Estêncil e Protagonismo Juvenil*. Nesta oficina contamos com a presença de 20 participantes. Três grafiteiros de Curitiba foram trazidos para mostrar técnicas para os participantes. O sucesso inegável desta oficina deixou como legado dois *grafittis* realizados em sete portas de madeira.

A quinta e última oficina foi realizada no sábado e domingo, depois de muitas conversas e acordos com os jovens. Só participou desta oficina quem frequentava os grupos e/ou já havia participado ao menos de uma oficina. Tendo como tema *Jornal Comunitário e Poder Popular*, a oficina que contou com o maior número de participantes, 25 jovens, ocorrendo sem os problemas apresentados na primeira.

Outras atividades desenvolvidas foram as sessões de cinema na Vila São João, as quais foram realizadas no Colégio João XXIII. A primeira sessão ocorreu no mês de outubro com o filme *“Minha mãe é uma peça”*. Outras duas sessões foram realizadas com os filmes *“O Cavaleiro Solitário”* e *“O menino do*

pijama listrado". No ano de 2014 os filmes foram "*O Coronel e o lobisomem*", "*Vai que dá certo*" e "*Quem quer ser um Milionário*". Em cada sessão de cinema contamos com a presença de aproximadamente 30 expectadores.

No Bairro Alto da Lagoa as sessões de cinema, ocorreram na Escola Mercedes Braga, com reprodução fechada, ou seja, no interior da escola e apenas para os integrantes do grupo, com os filmes "*Os três patetas*", "*O Auto da Compadecida*" e alguns curtas-metragens. Houve sessões abertas a todos os moradores do bairro, com os filmes "*Faroeste Caboclo*", "*Jack, o caçador de gigantes*" e "*Conexão Jamaica*", contando com cerca de 30 expectadores por sessão.

Também realizamos no decorrer do projeto exposições culturais. Como inúmeras atividades foram realizadas, ocorreram exposições dos materiais produzidos pelos jovens durante o desenvolvimento do projeto. Os eventos aconteceram nos bairros Alto da Lagoa, Vila São João e no Espaço Cultural da Prefeitura Municipal de Irati, na qual os materiais ficaram expostos do 01/09 até o dia 26/09/2014.

5.1.1 As construções e diálogos no caminho – jovens e a educação popular

Com base no contexto ressaltado e vivenciado pelos atores do projeto, algumas problematizações surgiram no decorrer da realização do mesmo, e foram registradas no nosso caderno de registros. Estes registros constituem parte da análise e provocações salientadas nesta dissertação, para socialização e aprofundamento: o que podemos fazer para não cair na lógica de buscar integrar a nossa juventude-alvo em um modelo de juventude e sociedade, ou para não vitimizar a juventude periférica? Como não nos aliar às instituições que desvalorizam jovens de periferia urbana e compreendem-no como perigo social? De que protagonismo falamos? Seriam os princípios da Educação Popular suficientes para romper superar as questões levantadas?

As respostas a esses questionamentos ultrapassaram nossas discussões, por isso buscamos problematizar as relações entre as juventudes que fizeram parte desse projeto. A partir da metodologia que utilizamos, optamos por não utilizar os termos sujeito como objeto de estudo, pois tanto a

juventude acadêmica como as juventudes dos bairros foram sujeitos neste processo e por isso atuaram em busca da transformação.

Desenvolver um trabalho com a juventude dos bairros de periferia da cidade é ter a consciência das condições desiguais que rodeavam as comunidades, neste caso na qual estávamos trabalhando. A injustiça social se concretizava no descaso do poder público com as más condições da comunidade, as ruas esburacadas, postes sem luz, nas histórias de vida de cada indivíduo.

O modelo econômico que temos na nossa sociedade nos remete a condições desiguais de sobrevivência, produzindo um sistema opressor. Freire (1983) enfatiza que a tomada de consciência do oprimido e a indignação são os fatores impulsionadores para a transformação dessas condições

Conforme discorreremos nesse trabalho, para o desenvolvimento desse projeto optamos pela metodologia da Educação Popular com base em Paulo Freire. Com essa base metodológica nossa *práxis* buscou construir um espaço de criação e autonomia. Assim, diferentes formas de trabalho foram pensadas na busca de uma metodologia participativa, em que eles/as se vissem e se sentissem como parte daquilo que tentávamos construir *com* eles, e não *para* eles.

Para melhor aprofundamento dos conceitos de Educação Popular, os jovens bolsistas do projeto em conjunto com a Associação CORAJEM se propuseram a formar um grupo de estudos de Educação Popular. A coordenação do projeto elencou alguns textos e fez um cronograma de estudos, o qual aconteceu semanalmente nos primeiros quatro meses do projeto. Os estudos auxiliaram na aplicação do projeto, pois proporcionaram conhecimentos teóricos sobre as proposições de Paulo Freire em relação à Educação Popular.

Durante o desenvolvimento do projeto, tínhamos objetivos que norteavam nossas ações com os grupos de jovens, apesar de que na nossa opção metodológica pela educação freireana, ocorria a prática construída em comunhão com os jovens. Nossas ações já estavam direcionadas, pois já tínhamos a Associação CORAJEM proponente do projeto, sendo idealizadora de um pré-mapeamento dos temas geradores, para o trabalho com adolescentes e jovens. Este mapeamento orientou nossa prática, contudo, ao

nos relacionarmos com a comunidade, outros temas surgiram. Com isso nossa prática era direcionada para algumas ações já estabelecidas pelo Projeto Universidade Sem Fronteiras – USF¹⁰.

Cabe aqui a citação de Freire (1987, p. 87):

Esta investigação implica, necessariamente, uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. Daí que seja igualmente dialógica. Daí que, conscientizadora também, proporcione, ao mesmo tempo, a apreensão dos “temas geradores” e a tomada da consciência dos indivíduos em torno dos mesmos.

Dessa forma, compreendemos que a tomada de consciência sobre os temas trabalhados no projeto não partiu de uma relação dialógica, segundo a Associação CORAJEM, a proponente do projeto, pois, estes haviam feito um levantamento dos temas geradores que poderiam ser desenvolvidos com os jovens. Porém, quando nos aproximamos da realidade e iniciamos algumas atividades do projeto e, na medida em que nos aproximávamos dos jovens das comunidades, percebemos que havia outros temas geradores manifestados por eles. Por isso, as relações entre as juventudes em alguns momentos acabaram sendo tensas e contraditórias, pois, não correspondiam à metodologia da Educação Popular. De certa forma, estávamos impondo as temáticas para abordagem nos grupos.

O trabalho foi desenvolvido com jovens do bairro Alto da Lagoa, estes chamados de jovens do Morro e a juventude da Vila São João, os jovens da Vila. Os jovens do Morro fazem parte de um bairro do município rotulado como perigoso, pobre e violento. Ideias estas apresentadas no imaginário social da população iratiense, reproduzidas pela mídia e incorporada por alguns dos jovens.

Uma das adolescentes do Morro apresentou em um trabalho em grupo durante uma das oficinas a interpretação de como alguns estigmas reproduzidos pela sociedade são visualizados por eles. Na frase do filme *Uma História de Amor e Fúria*: “Na cadeia, eu paguei que só quem cresceu na favela

¹⁰ O Programa Universidade Sem Fronteiras, é elaborado e desenvolvido pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná, propõe investimento financeiro e capital humano a maior ação de extensão universitária em curso no Brasil.

é que ia seguir na luta por justiça e igualdade” Rádio Tupi Guarani. A interpretação da adolescente:

[...] nesta frases a frase nós já entende que o pobre que mora na favela são umilhados so por que são pobres e negros, pelos ricos e os pobres querem justiça mas como eles poderiam fazer isso se rico não vai preso a organização complicada para juntar todas as pessoas da favela para fazer justiça mais compença muito eles querem justiça pela igualdade por mais que somos pobres, ricos e brancos somos todos iguais (Produção de jovem do Morro).

A interpretação da adolescente apresenta o sentimento de preconceito sofrido por eles. Não podemos negar a existência de violência no bairro, porém durante o projeto buscamos desconstruir os rótulos que são colocados pela nossa sociedade, e romper com a ideia de que os indivíduos são os responsáveis por viverem em situações de vulnerabilidade.

Segundo Freire (1987, p.52), o exercício de reflexão sobre as suas condições de existência conduz o indivíduo à tomada de consciência, conforme citação abaixo:

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente, conduz à prática.

A prática da reflexão foi exercida em vários momentos do projeto, sendo eles mais intensos nas oficinas. Os momentos de reflexão eram praticados através das dinâmicas, filmes, trabalhos em grupo, os quais sempre buscavam relacionar e demonstrar elementos da vida cotidiana dos adolescentes e jovens, sempre no anseio do diálogo, pois conforme Freire (1987, p.78): “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. E era exatamente nos momentos de diálogo com os jovens do bairro que praticávamos a relação dialógica de reflexão e se manifestava o protagonismo do público alvo que também era dado.

O exercício de tal prática também era exercido com o grupo de jovens bolsistas, os quais não bastaram leituras de livros e artigos relacionados à Educação Popular. Fora no encontro com a prática que surgiram as tensões, questionamentos e conflitos com a práxis, os encontros e desencontros oferecidos pela metodologia que optamos.

No caderno de registros encontramos algumas situações relatadas pelos jovens extensionistas que demonstraram a complexidade da nossa *práxis*. A situação que vivenciamos foi na primeira oficina que realizamos com os jovens. A proposta pretendida buscou realizar dois dias de oficina, com início no sábado à tarde e término do domingo também no período da tarde. Portanto, os jovens iriam pernoitar na universidade, local no qual realizamos o encontro. Preparamo-nos intensamente para esse encontro, pois, sabíamos que haveria dificuldades, porém não imaginávamos a intensidade das mesmas.

Durante o dia tivemos várias situações com os jovens que não participavam das atividades, ficavam conversando durante as palestras, corriam, gritavam pelos corredores da universidade. Houve algumas situações de furto de pertences pessoais, de acordo com o relato de alguns jovens.

Pela noite não foi diferente, sendo que na hora de dormir enquanto alguns já estavam acomodados, outros conversavam, riam, não contribuindo com nosso acordo de dormir e descansar para o outro dia, o que nos levou a gritar com os adolescentes e jovens e realizarmos ameaças de levá-los embora caso não houvesse colaboração.

Com esses acontecimentos após o encerramento da oficina, numa reunião de avaliação da mesma, começamos a repensar algumas das nossas práticas em relação às leituras de Paulo Freire que fizemos, pois, por diversas vezes durante as oficinas produzimos práticas autoritárias com os adolescentes e jovens. Não nos isentamos de reproduzir a opressão mesmo com outras leituras do mundo, deixamos o espírito opressor se manifestar nas nossas ações. Questionamo-nos também em relação à metodologia das atividades que estavam sendo trabalhadas com os adolescentes e jovens: será que estávamos dialogando com as necessidades que eles tinham de falar? Os temas das oficinas respondiam aos anseios daqueles jovens?

Para Freire (1987, p.83):

Daí que, para esta concepção como prática de liberdade, a sua dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação.

Nesse sentido, Paulo Freire nos traz um pensamento acerca da reflexão, a qual reforça o papel do diálogo na relação educando-educadores, através da educação. Por isso, repensar a nossa prática como elemento fundamental de uma ação libertadora se fazia necessário, para responder as nossas inquietações na relação com as juventudes.

Os nossos anseios, medos e preocupações eram tensionados em vários momentos entre a equipe dos jovens bolsistas. Na primeira sessão de cinema no Morro nos indagávamos: e se der briga? E se alguém roubar? E se der tiroteio? Pensávamos nas diversas situações que poderiam acontecer durante as sessões no bairro, reproduzíamos os medos, produtos do que o senso comum falava sobre a comunidade do Morro.

O exercício da autocrítica fazia parte das nossas reuniões e a todo o momento buscamos repensar nossa prática e romper com alguns paradigmas colocados pela nossa sociedade. Essa metodologia partia da visão de mundo e sociedade que cada um dos bolsistas estava inserido, o que se diferenciava entre nós, por isso o repensar da nossa estratégia exigia um esforço individual, às vezes não compreendido por todos os jovens bolsistas. Porém, este processo educativo era essencial para o aperfeiçoamento das nossas ações nas comunidades, e na busca intensa por uma prática libertadora.

O repensar da nossa *práxis* possibilitava um agir crítico que superasse nossos medos e anseios. Segundo Freire (1987, p.38): “A *práxis*, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”. Essas contradições eram gritantes durante todo o projeto e se manifestavam nos diversos espaços e ações que desenvolvíamos.

Uma dessas situações contraditórias que tivemos nas atividades foi quando a escola convidou a guarda municipal para fazer ronda na comunidade enquanto estávamos nas sessões de cinema, com a intenção de prevenir qualquer situação de violência que pudesse acontecer. Nos perguntamos se era necessário esse tipo de intervenção, tendo em vista que buscávamos construir um outro modo de nos relacionarmos com os jovens do bairro, uma maneira que não fosse através do medo e opressão. Não ignorávamos a situação de risco em que o bairro se encontrava, mas também não podíamos deixar de tentar outra maneira de se aproximar dos jovens.

No trabalho com os jovens da Vila, um bairro com contexto social diferenciado do Morro, e não rotulado como o mesmo, porém marcado pelo tráfico de drogas e nenhuma alternativa de lazer e cultura para os jovens, os desdobramentos ocorreram de forma diferente.

A formação do grupo inicialmente teve algumas parcerias como o Grupo de Jovens da Igreja, a Associação de Moradores, o IFPR, com o CRAS e com o Grêmio Estudantil. Envolvemos algumas pessoas que poderiam nos auxiliar na criação do grupo, porém, por falta de um plano de trabalho claro não tivemos continuidade com este grupo.

Buscamos então outras estratégias para criar o grupo, fomos até a Escola Estadual e realizamos uma atividade cultural nos intervalos das aulas, a ação atraiu os jovens para os encontros e assim pudemos formar um grupo. Os encontros eram realizados nas dependências da Escola Estadual, outra parceira do projeto.

A relação com esta instituição também causou alguns transtornos, problemas como horários de entrada no Colégio, ocupação de espaços, horários e vestimentas das meninas integrantes do grupo, foram geradores de conflitos com a direção da escola. Propor ações de interação com a escola e a comunidade causava transtorno para escola, pois ela não está acostumada a interagir com a comunidade, pois esta prática rompe com a “ordem” da escola.

As vestimentas também foram alvo de polêmica segundo a direção da Escola, pois o modo como as meninas iam vestidas, era considerado não adequado para a escola. Esse impasse serviu de mobilização das mesmas, que foram conversar com a direção da escola e não abriram mão de se vestir da mesma maneira. A provocação feita a elas provocou o protagonismo e serviu para reflexão do grupo em relação a temáticas como gênero, sexualidade e religião, que foram temas geradores nas reuniões do grupo.

Com o Grupo da Vila, tivemos um foco maior sobre as questões culturais e abordamos durante os encontros questões sobre o cinema, desenho, música e teatro, tentado relacionar com a realidade do bairro no qual os jovens vivem. Durante os grupos também surgiram temas mais particulares. Pelo fato de todos os jovens estudarem na mesma escola e no mesmo turno, havia uma interação e intimidade maior entre os mesmos, o que ocasionava conversas sobre os problemas que tinham no cotidiano, tanto no contexto escolar, como

no familiar e em outros relacionamentos. Essa demanda demonstrou que o grupo servia como um espaço em que as juventudes podiam trocar experiências e pensar sobre os lugares que ocupam.

Os temas geradores foram frutos de discussões entre os jovens e manifestados por eles, o que caracteriza a relação dialógica entre o grupo. Os temas geradores são frutos da condição dos homens na sociedade.

Freire (1987, p.98) destaca:

Em todas as etapas da descodificação, estarão os homens exteriorizando sua visão do mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalisticamente, de pensá-lo dinâmica ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores”.

Os temas geradores se deram na relação homem mundo, no caso dos jovens da Vila se manifestou por meio de um conflito entre o grupo e a direção da escola, isto é, aquilo que a realidade manifesta e os sujeitos fazem a leitura de mundo decodificando as temáticas que lhes interessam. E através do enfrentamento tomam consciência da sua condição, despertando o protagonismo dos sujeitos.

Outro fator importante para nossa análise foi à utilização de sessões cinema com apresentações de filme como ferramenta para identificação de temas geradores. O mapeamento realizado pela Associação apontou a cultura como uma necessidade dos jovens, para a sistematização concreta. Para o projeto, foi indicado o cinema como ferramenta para abordagem e mobilização da comunidade, buscando atingir os jovens como público alvo do projeto.

Achamos que com esta ferramenta poderíamos estar encontrando temas geradores, que proporcionassem um debate reflexivo com a comunidade. Os filmes eram escolhidos pelos adolescentes e jovens e variavam entre filmes de ação e comédia. As sessões de cinema reúnem a comunidade no Morro, na Vila eram restritas ao grupo, ao passar o filme fazíamos provocações para as pessoas desenvolverem um debate. Foram poucas as sessões que tivemos pleno sucesso, na maioria das vezes eles assistiam ao filme e retornavam para suas casas. Nas poucas vezes que conseguíamos debater, as conversas não se alongavam muito, havendo pouco aprofundamento.

Na abordagem do conceito teórico-metodológico da Educação Popular trouxemos o conceito de autonomia como elemento fundamental para uma prática libertadora.

Desde o início do projeto *Jovens em Cena*, nos preocupávamos com a autonomia dos grupos nos bairros, pois tínhamos avaliado a noção de que o projeto tinha o prazo de um ano para encerramento das atividades. Logo no início a Associação CORAJEM estava participando conosco como instituição parceira e proponente do projeto, seus componentes falavam que após o final do mesmo a instituição daria continuidade as ações. Porém, após o afastamento da Associação ficamos mais preocupados com o processo de autonomia dos grupos, pois não contávamos com o apoio da mesma, gerando problemática com as parcerias.

Após várias reuniões e com a aproximação do final do projeto, nós os jovens extensionistas dialogávamos da impossibilidade dos jovens dos bairros darem encaminhamento aos grupos sem o nosso acompanhamento. Com isso, tentamos nos organizar para acompanhar os encontros dos grupos que passaram a se realizar com maior espaço de tempo entre os encontros. No entanto, a tentativa foi inválida, pois mesmo assim não conseguimos realizar o proposto por inúmeros motivos.

Dessa forma, os jovens da Vila deram continuidade por um tempo, mas logo o grupo desarticulou-se, encerrando as atividades. No bairro Lagoa, fomos por algum tempo e quando se tornou inviável, o grupo também se dissociou. Através das avaliações percebemos que os jovens dos bairros estavam imaturos e ainda precisavam de tempo para caminharem com as próprias pernas e seguirem autonomamente a caminhada de grupo.

Outro ponto que avaliamos como negativo foi o rompimento com a Associação, fato este que impossibilitou a continuidade dos grupos. Pois construir um processo de autonomia com adolescentes e jovens perpassa por um processo pedagógico mais intenso e, para a realização dessa feita, o período de um ano é insuficiente.

O processo de autonomia no projeto *Jovens em Cena* não foi concluído com sucesso conforme avaliado ao finalizarmos o projeto. O caminho pedagógico constituído não chegou até seu objetivo final, pois, não houve a tomada de consciência dos oprimidos sob o contexto opressor que vivemos e

assim a libertação dos mesmos a partir da sua conscientização. Como destacamos a Educação Popular não segue uma receita pronta, um passo-a-passo que deva ser seguido rigorosamente, mas é necessário que em algum momento a ação libertadora se manifeste e seja vivenciada pelos sujeitos.

Para a equipe dos jovens extensionistas podemos dizer que o exercício da reflexão sob a nossa *práxis* proporcionou nossa evolução diante de alguns conceitos já cristalizados, além de nos libertarmos de alguns pré-conceitos sob as duas comunidades trabalhadas. Eles nos mostraram uma realidade de pessoas trabalhadoras e que também lutam por um espaço melhor para se viver. Um lugar de lazer onde os jovens possam se divertir. Um território em que as instituições que ali se encontram sejam parte da comunidade e não julgadoras das condições que ela vive. Uma escola que derrube seus muros e construa com eles uma escola aberta à comunidade, na qual a própria comunidade seja colaboradora desse espaço.

A prática da Educação Popular nos remeteu ao exercício da auto-crítica para uma prática muito mais comprometida socialmente. Falcão (2014, p.54) cita Fleuri (2006) no seguinte comentário:

[...] o agente de extensão popular nunca mais será o mesmo, quando deixa a comunidade e se desliga do projeto de extensão. Ele se impregna do compromisso social que experimentou, quando mergulha na subjetividade de cada pessoa que se converte. Isso porque o transcorrer da Extensão Popular permite uma formação crítica garantida através de ações e intervenções.

Embora na minha análise eu conclua que nosso agir pedagógico da Educação Popular tenha tido falhas, não posso negar a intensidade que nós, os jovens extensionista, mergulhamos na inserção com a comunidade. Alguns com menos intensidade que outros, mas todos nos desafiamos a construir uma proposta diferenciada de extensão.

Como diz Freire (1987) o comprometimento com a causa é um ato de amor que nos impulsiona a ação libertadora por meio do diálogo, o que se faz na relação com homens-mulheres carregados de esperança. Foi dessa forma que vivenciamos este projeto de extensão e ficou marcado na nossa memória pela troca de aprendizados.

5.2 AS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE AS INSTITUIÇÕES TENSIONADAS PELA EDUCAÇÃO POPULAR

A metodologia da Educação Popular foi provocadora de algumas implicações com as instituições. O fato de optarmos por aplicar o conceito freireano na prática, nos levou a conflitos com as instituições parceiras e até mesmo com a proponente do projeto, a Associação CORAJEM.

A relação entre a Universidade e Associação CORAJEM foi a primeira a ser realizada. A Associação propôs a ideia do Projeto e desenvolveu teoricamente a mesma para a Universidade disponibilizar graduandos e graduados, por meio de um projeto que previa bolsas para a realização deste. A instituição proponente já tinha experiência em intervenções com jovens no município, utilizando a Educação Popular, por isso também fazia parte da equipe executora do projeto. Entre os extensionistas as experiências e classes eram diversificadas, alguns tinham experiência técnica, outras vivências com jovens e engajamento social, outros possuíam afinidades com a prática metodológica escolhida para ação extensionista.

Porém, a Associação acompanhou somente o início do projeto. Isso é justificado pelas divergências teóricas-prático-metodológicas que foram geradoras de conflitos e acabaram rompendo com a parceria. O rompimento se deu com uma situação interessante e fez com que pensássemos sobre o sentido de uma prática de Educação Popular que responda a sua teoria. O nosso repensar se deu quando um dos integrantes da Associação interrompeu um dos membros da equipe executora do projeto dizendo que o mesmo: *“estava fugindo da metodologia freireana”*. Percebemos assim, que embora todos os agentes envolvidos, tanto da Associação, quanto extensionistas visassem exercer a Educação Popular, esta não tinha o mesmo sentido para todos. Podemos perceber que falar em Educação Popular não é ditar uma receita de como o contato e as intervenções devem ser realizadas com o público-alvo, mas um processo construtivo e que é subjetivado de diferentes maneiras.

Outro fato que fez com que a parceria entre Associação e projeto fosse interrompida foi devido aos interesses que atravessavam a relação entre extensionistas e equipe da associação. O interesse da juventude extensionista

era prioritariamente o de colocar “as mãos na massa” para ir ao encontro da juventude-periférica e iniciar as atividades previstas para o projeto. Para tanto, os extensionistas começaram a planejar estratégias que poderiam auxiliar no contato com a juventude-alvo. No entanto, o interesse da equipe da Associação, era além de contatar com a juventude-alvo, promover meios para solidificar a própria CORAJEM, sendo que para isso alegava-se que a equipe extensionista disponibilizasse o tempo do projeto para realizar atividades da associação.

Se um dos pilares da Educação Popular é a dialogicidade, por pressupor relações horizontais nas quais a teia entre ação e reflexão é tecida, ao romper com o silêncio e colocar em evidência as contradições da realidade (BRASIL, 2014), chegamos à conclusão que não conseguimos edifica-la juntamente com a Associação. Isso porque das divergências não foram criados espaços para problematiza-las junto com a Associação, pois esta abdicou das responsabilidades sociais envolvidas no projeto, como por exemplo, fazer a ponte entre juventude-alvo de um dos bairros periféricos e juventude-extensionista.

Dessa maneira, se tínhamos como objetivo chegar até três bairros, foi-nos possível chegar a dois, sendo que tivemos o auxílio e atravessamentos de estabelecimentos como: Grupo de Jovens da Igreja, Associação de Moradores, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), e Escolas Municipal e Estadual.

Outro acontecimento que nos levou a reflexão foi quando em uma das nossas reuniões com as juventudes do Morro, um dos adolescentes nos relatou a existência de uma cachoeira ali no bairro. Ficamos surpresos com o relato, tendo em vista que só se falava dos rótulos do bairro como a violência e falta de estrutura. Naquela reunião tinham faltado vários participantes do grupo, então com o número reduzido, surgiu do grupo a proposta de fazer uma filmagem do caminho até a cachoeira, sendo esta a atividade daquele dia.

A cachoeira ficava próxima da escola realizamos a caminhada por uma trilha que iniciava no terreno ao lado da escola. Saímos dali e fomos até a cachoeira, filmando tudo, como combinado. Tínhamos como princípio para a realização daquela atividade, trabalhar com um tema gerador que tivesse vindo dos/as próprios jovens, compreendendo que aquele poderia ser um momento

que contribuiria para a apropriação dos espaços da comunidade e, talvez, para uma transformação do modo de olhar para a própria comunidade, percebendo o que havia de positivo ali, o que poderia proporcionar momentos de lazer.

Posteriormente, havendo algumas divergências acumuladas com a escola, fomos questionados a respeito da aplicação das nossas atividades, pois compreendiam que a atividade do passeio na cachoeira, não fora planejada por nós, e a mesma havia sido “atividade tapa-buraco”. Houve a solicitação de que a partir daquele momento planejássemos melhor as atividades que seriam trabalhadas com os adolescentes. Embora tivéssemos explicado nossa metodologia, ela não correspondia aos padrões de formalização indicados pela sociedade, o que dificultava a compreensão da escola que estava acostumada a uma educação bancária.

No exercício da autocrítica visualizamos nossas falhas no processo, em meio às relações com a escola não deixamos claro nossa opção metodológica, a qual teve importância diante das relações institucionais. Diante do contexto que esta instituição trabalha e sua carga pedagógica padrão, não nos atentamos ao diálogo e esclarecimento da autonomia que necessitávamos para efetivar o projeto.

A mesma situação vivenciada com a escola também ocorreu com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), a parceria realizada com esta instituição era devido a organização de um grupo que haviam iniciado na escola com os adolescentes e jovens do Morro. Então, através de um diálogo buscamos caminhar ao lado deles para implementar nosso trabalho. No decorrer do projeto, percebemos algumas ações assistencialistas da equipe do CRAS, as atividades trabalhadas por eles não eram dialogada com os jovens, eram levadas prontas. A ação diretiva eliminava a possibilidade de desenvolvimento do protagonismo dos adolescentes e não provocava os jovens do Morro a pensar o contexto a sua volta.

Em nossa atuação no Morro, percebemos que tanto os agentes do CRAS como os da Escola, muitas vezes reproduziam a ideia da juventude-periférica como perigo social. Uma das falas que ouvimos de uma agente destas instituições transmitia a ideia do bairro perigoso e o medo de depredação da escola *“precisamos recuar a vinda de vocês aqui na escola devido aos tiroteios que estão acontecendo no bairro”*. Através dessa fala e

outros discursos que demonstravam preocupação, nervosismo e ansiedade de que a juventude-periférica roubasse materiais, arranjasse brigas durante as sessões de cinema, de que os traficantes do bairro adentrassem nos espaços institucionais e violassem. Não negamos que esses apontamentos feitos pelas instituições eram possibilidades concretas, mas não as colocávamos como foco das nossas preocupações. O nosso foco, ao contrário, era o de nos aproximarmos da juventude dita como “perigosa” para também torná-la parceira do projeto.

Os desafios de adotar uma metodologia participativa em nosso projeto reverberavam não só dentro dos limites dos nossos grupos, mas se expandiram para a relação com outras instâncias e instituições que em algum momento fizeram parte deste projeto de extensão.

O repensar da extensão universitária passa pela crítica com o formato de universidade que temos, pois durante vários momentos nos deparamos com um modelo de universidade resistente a interação com as comunidades. Na realização de uma das Oficinas não pudemos utilizar as salas de aula porque não havia passado no processo de burocratização da universidade para reservar as salas. Somente pudemos utilizá-las quando a coordenação do Projeto se deslocou até a Universidade para assinar um documento para liberação do espaço pela segurança da Universidade.

A aproximação dos jovens dos bairros no espaço da universidade, as quais se deram nas oficinas também proporcionou algumas reflexões. Uma delas é o fato da carência de espaços que estes jovens sentem, e quando chegam a um espaço diferente do que eles estão acostumados, os jovens extravasam e querem aproveitar o que o lugar pode oferecer de lazer. Foi isso que pudemos perceber.

Em relação à Universidade, enquanto instituição, esta parece que se sente incomodada com a presença do diferente, do povo ocupando seu espaço. Alguns funcionários chamavam a atenção dos jovens e falavam “*que aquele não era lugar para eles*”. Isso mostra que nem todos que fazem parte da universidade estão preparados para vivenciar com a comunidade e a presença dela nem sempre é bem-vinda.

Nos questionamos então: como a universidade está à serviço da comunidade? Até que ponto temos uma Universidade acessível à participação

popular? Qual o modelo de educação que a universidade vivencia? Esses questionamentos foram determinantes para buscar compreender o papel da extensão universitária nesta instituição, a qual não se propõe a dialogar e interagir abertamente com a comunidade, necessitando restringir o seu espaço para a segurança de um conhecimento preso nos prédios da universidade.

6 CONSIDERAÇÕES, CONSTERNAÇÕES, INSPIRAÇÕES (...)

A atuação na história desse filme foi encenada por diversos sujeitos, os quais traziam consigo uma visão e perspectiva de mundo que fizeram parte da história. O projeto fora uma abordagem pouco comum quanto ao método de realização de projetos de extensão, pois ao invés de levar novos conhecimentos às comunidades, buscamos desenvolver o conhecimento em conjunto com o público-alvo, protagonizando juntos a história dos jovens em cena.

Podemos concluir que o projeto não alcançou somente uma juventude-alvo, mas juventudes, visto que integrou diferentes formas de ser jovem. Também analisamos que as instituições que perpassaram o projeto colocam em evidência algumas reproduções de juventude, e que o projeto tentou construir, subsidiado pela Educação Popular, novas formas de trabalhar com a juventude-periférica.

Notamos que, pela proposta metodológica utilizada, as juventudes tiveram que se posicionar frente à maioria dos atravessamentos institucionais que as alcançaram, de uma maneira em que ambas fossem alvos e dardos. Não nos é possível afirmar que o projeto fez com que os jovens se tornassem protagonistas, afinal, ninguém tem o poder de colocar outras pessoas na condição de protagonista, pois o protagonismo não se faz somente pelo sujeito, mas pelas relações em que o mesmo está inserido.

Nessa perspectiva, transformar a realidade deve ser um processo protagonizado pelos próprios sujeitos desta realidade, o que os tira do lugar de objetos da educação e os coloca como sujeitos, que não apenas recebem o conhecimento, mas que o constroem. Construir o conhecimento junto com os sujeitos e buscar a transformação coletivamente torna-se, portanto, um dos grandes desafios da Educação Popular. Este movimento exige a ruptura com as metodologias impostas e já dadas, hierarquizadas e hierarquizantes, às quais estamos historicamente acostumados. Construir espaços em que os sujeitos da educação tornem-se os protagonistas do processo apresenta-se como um constante desafio.

Assim a relação entre o saber popular e o saber acadêmico baseia-se na troca de saberes

Dessa forma, Freire expressa significativamente o sentido de uma prática comprometida com a transformação dos sujeitos, que no caso em foco são jovens de periferia, vulneráveis aos problemas sociais a eles impostos. Nesse sentido, a educação como prática de liberdade foi um aprendizado para todos os graduandos e recém graduados envolvidos com a proposta, pois nos possibilitou compreender o contexto social comunitário no qual os jovens estão inseridos. Ensinou-nos, também, a realizar uma leitura de mundo baseada na vivência com as comunidades, o que vem acrescentar em nossa formação humana/acadêmica.

Retomamos aqui as questões problematizadoras que nortearam esta pesquisa: Quais as implicações metodológicas produzidas pela metodologia da pedagogia freireana na extensão? Que Educação Popular(?) e qual relação de dialogicidade(?)

As implicações metodológicas produzidas pela Educação Popular na extensão se reproduziram na relação com os jovens e com as instituições parceiras, e ainda com a universidade, a efetivação de uma relação horizontal seja com jovens ou com as parcerias nos provocou diversos conflitos e em alguns momentos desestabilizou a estrutura do projeto. Mas acredito que o comprometimento dos jovens bolsistas com a proposta metodológica do projeto foi determinante para o desenvolvimento do mesmo.

Em relação ao método, minha frustração se deu pelo processo de autonomia que não conseguimos estabelecer com os jovens dos bairros. Penso que apesar do nosso comprometimento estávamos com as relações internas da equipe de jovens bolsistas desgastadas e devido aos projetos de vida de cada um não nos foi possível consolidar o processo de autonomia com os jovens das comunidades.

Acredito que a Universidade precisa continuar discutindo e repensando seu papel na extensão. Retomo aqui o pensamento de Falcão (2014), o qual menciona o conceito de extensão popular que reforça a ligação com a Educação Popular e enfatiza uma extensão voltada à classe trabalhadora. A extensão popular não atua sozinha ela busca no ensino e pesquisa a base auxiliar e geradora de uma proposta consolidada na produção de conhecimento, baseada na troca de saberes científico e popular.

Depreende-se da ação extensionista realizada a necessidade de uma produção coletiva de conhecimento e a busca de efetiva transformação social, que se tornam desafios extensionistas que podem ser superados por intermédio de princípios teórico metodológicos da Educação Popular. Construir espaços em que o público-alvo seja reconhecido como público-dardo e torne-se protagonista do processo apresenta-se como desafio para ações extensionistas de nossas instituições de ensino superior, comprometidas com o aprimoramento de seu relacionamento com as demandas socioculturais e educacionais de seu entorno.

Após essa experiência com a proposta da educação popular fico cada vez mais convencida que não existe uma receita que possa aplicá-la e dizer essa é a receita do método de Educação Popular. Creio que é na práxis que construímos e nos identificamos com os conceitos dessa teoria e ali nos encontramos e desencontramos, provocamos e somos provocados, pensamos e repensamos nossa prática o desafio é comprometer-se numa relação amorosa. Encerro com a citação de Freire (1987), falando do verbo amar.

O ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque amoroso, é dialógico. [...] Como ato de valentia, não pode ser piegas, como ato de liberdade não pode ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo se não amo os homens/mulheres, não é possível o diálogo. Freire(1987, p. 80)

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, Celso Rui. **Política e Educação popular**: teoria e prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília, 2014.

FALCÃO, Emannuel Fernandes. **Extensão Popular: caminhos para a emancipação**. João Pessoa , UFPB, 2014

FARIA, J. H. de. **Economia Política do Poder**: fundamentos. Volume 1. Curitiba: Juruá, 2004.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). **Pesquisa participante**. 8.ed. 5.reimp. São Pulo: Brasiliense, 2011, p.42-62.

FIDALGO, Lucia. Um olhar sobre Paulo Freire. In: ALBUQUERQUE, Duda. **Discutindo Língua Portuguesa**. São Paulo: Escala Educacional, 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação Popular e Universidade**. Unicamp, 1988.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, C.R. (Org.). **Pesquisa participante**. 8.ed. 5. reimp. São Pulo: Brasiliense, 2011, p.34-41.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou comunicação**. Editora Paz e Terra, 1985. (não achei esse 1985 no texto. Por outro lado, tem um 1966 no texto e não está listado aqui. Verificar)

_____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Trad.: Adriana Lopes. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. 2014.

GALDINI, V.; AGUIAR, W. M. J. **Intervenção Junto a Professores da Rede Pública**: potencializando a produção de novos sentidos. In MEIRA, M.E.M.;

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica como prática de libertação**. Porto Alegre: Edicpurs, 2012.

GONÇALEZ REY. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2010.

MACHADO, Adriano. **A construção da extensão universitária brasileira, as políticas institucionais e o compromisso social das universidades**: um estudo sobre a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Maringá, 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2008.

NADAL, Karla. **Reflexões sobre extensão universitária [manuscrito] : um estudo de caso do Projeto Teste da Orelhinha em Irati e Região (TOIR)**. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2014

SAWAIA, B. B. **As artimanhas da exclusão (12ª ed.)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

STRECK, D.R. A pesquisa em educação popular e a Educação Básica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.8, n.11, p.111-132, jan/jun. 2013.

_____. A educação popular e a (re) construção do público. Há fogo sob as brasas? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.32, p.272-284, maio/ago. 2006

ORLANDI, E.P. **Discurso e leitura**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PEREIRA, Willian César Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social**: teoria, método e prática. Belo Horizonte, Vozes: PUC Minas, 2001.

SOUZA, J.; KANTORSKI, L. P.; MIELKE, F. B.. **Vínculos e redes sociais de indivíduos dependentes de substâncias psicoativas sob tratamento em CAPS**, Ribeirão Preto, fevereiro de 2016.

AD.SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**. v.2 n.1 Ribeirão Preto fev. 2006.

SAVIANI, Demerval. **História das Idéias Pedagógicas**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHEINVAR, E.; CORDEIRO, D. Juventude em “risco social”? Dilemas e perspectivas por entre as pedras das políticas públicas dirigidas aos jovens. **Espaço**: informativo técnico científico do INES, n 27, jan-jun , p.55- 63, 2007.

SOUZA, Ana Inês. Paulo Freire. **Vida e Obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

TRAGTENBERG. **A delinquência acadêmica**: o poder sem saber e o saber sem poder. São Paulo: Rumo Gráfica, 2002.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE. **Resolução Conjunta Nº 001- CEPE-CAD/UNICENTRO, de 8 de janeiro de 2007**. Aprova o Regulamento das Atividades Extensionistas da UNICENTRO.

WERRI, Ana Paula Salvador. **A Função Social da educação para Paulo Freire** (1958-1965). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2008.

APÊNDICE 01 – inserir aqui o apêndice

Projeto

1. Proposta/Inscrição

Editais: Edital nº 01/2013
Título: Jovens de periferia urbana em cena: inclusão social via cinema popular
Protocolo: 34106.404.38812.18022013
Coordenador: Gilmar de Carvalho Cruz
E-mail: gilmailcruz@gmail.com
Faixa de Valor: Recursos e Valores de Financiamento(R\$ 0,00 à R\$ 114.360,00)
Área de Conhecimento 1: Ciências Humanas » Educação » Tópicos Específicos de Educação » Educação em Periferias Urbanas
Área de Conhecimento 2: Linguística, Letras e Artes » Artes » Cinema
Área de Conhecimento 3:
Instituição Executora: UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-oeste
Unidade Executora: [Paraná/PR] Campus Irati
Início Previsto: 02/04/2013
Duração: 12 Meses
Cotação do Dólar: 0,00

SUBPROGRAMA: Diálogos Culturais
Diálogos Culturais

1.1. Arquivos

Nome	Tipo
USF - Jovens em Ce...	Plano de Aplicação
USF - Cadastro da ...	Cadastro da Instituição
USF - Jovens em Ce...	Plano de Trabalho

2. Plano de Apresentação de Proposta/Inscrição:

2.1. Resumo da Proposta/Inscrição de Projeto:

A cultura está intimamente ligada a questão da identidade, e trabalhar essa temática junto a população jovem pode gerar impactos positivos na sua formação pessoal e coletiva, em sua auto estima e em sua inserção social. A juventude necessita não apenas ter acesso aos bens culturais, mas também ter espaços para manifestar e produzir sua cultura, através de produções que espelhem suas realidades. Nesse sentido, o presente projeto tem como objetivo geral provocar o protagonismo e a participação social de jovens de bairros periféricos por meio de suas expressões e manifestações culturais. Seus objetivos específicos são: a) criar nos bairros um espaço cultural e de lazer por meio das sessões abertas de cinema; b) mobilizar nos bairros a criação de grupos de jovens que passem, gradativamente, a assumir o papel de coordenação das sessões de cinema; c) proporcionar um espaço de formação a esses grupos de jovens, onde eles possam conhecer e/ou desenvolver diferentes modos de manifestação cultural; d) criar um espaço aberto de apresentação das produções culturais dos jovens no município. Os encaminhamentos metodológicos preveem, num primeiro momento: a) mapeamentos nos bairros a serem trabalhados observando suas limitações e

potencialidades, bem como dados referentes a juventude; b) sessões de cinema abertas, sendo duas sessões por mês em cada bairro, com a exibição preferencial por filmes nacionais - para cada sessão de cinema será feita divulgação por meio de faixas e cartazes pelo bairro, além de visitas, especialmente nas escolas com ensino médio; c) provocação de discussão e debate na comunidade em cada uma das sessões; d) composição de equipe junto à comunidade para preparação das sessões de cinema - escolha dos filmes, divulgação, debate. E num segundo momento serão realizadas: a) oficinas culturais ministradas por técnicos específicos de cada área (cinema, teatro, dança, música e formas de comunicação e expressão popular) que ocorrerão em 5 etapas, sendo realizada cada etapa em um fim de semana por mês - com um grupo de aproximadamente 30 jovens advindos de 3 bairros; b) evento municipal (ao final de cada etapa) de divulgação das produções artísticas e culturais desses jovens por meio de uma mostra de cultura. O projeto espera contribuir na ampliação dos repertórios culturais dos jovens, capacitando-os para fazerem uso de diferentes formas de expressão e manifestação cultural, com a aprendizagem de técnicas e manuseio de equipamentos específicos. Esta capacitação estimulará suas produções artísticas, simbólicas e comunicacionais, provocando seu protagonismo e participação social. Espera-se ainda desenvolver o capital social das comunidades, a fim de reposicionar o jovem para a condição de ator social de seu bairro/município.

2.2. Palavras-Chave:

Educação Popular, Juventude, Periferia Urbana, Cultura, Cinema

2.3. Informações Relevantes para Avaliação da Proposta/Inscrição:

A cultura e o lazer são direitos garantidos pela Constituição Federal, sendo dever do Estado incentivar e valorizar as manifestações culturais e democratizar o seu acesso. A cultura está intimamente ligada a questão da identidade, e trabalhar essa temática junto a população jovem pode gerar impactos positivos na sua formação pessoal e coletiva, em sua auto estima e em sua inserção social. A juventude necessita não apenas ter acesso aos bens culturais, mas também ter espaços para manifestar e produzir sua cultura, através de produções que espelhem suas realidades. O município de Irati possui, segundo o Censo 2010, 25,5% de sua população na faixa etária entre 15 e 29 anos. No entanto, encontra consideráveis limitações quanto ao desenvolvimento cultural de sua juventude. De acordo com o IPARDES, em 2011, as despesas do município de Irati com cultura representaram 0,71% do seu total. Outras cidades próximas, como Ponta Grossa, tiveram 2,47% e Castro 1,38%. Obras iniciadas, como o Teatro Denise Stoklos, e o Centro de Juventude, permanecem inacabadas. A sala de cinema da cidade, administrada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Estadual do Centro-Oeste (FAU), fechou suas portas no ano passado, devido a dificuldades financeiras. Se os espaços culturais que existiam, como o caso do cinema, não eram utilizados em sua potencialidade, existe uma forte tendencia a subutilização das obras que ainda estão para serem concluídas. Faz-se necessário um trabalho de fomento a cultura nos bairros, a partir das expressões da juventude, para que estes assumam o seu protagonismo nos processos de manifestação cultural. O projeto contemplará o município de Irati. Segundo o último Censo 2010, Irati possui uma população de aproximadamente 56 mil habitantes, sendo dessas 17 mil em situação de pobreza (aproximadamente 30%). No índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o município ocupa a 187ª posição no Estado, com um IDH de 0,743 (PNUD, 2000), enquanto cidades como Curitiba possui IDH de 0,856, Ponta Grossa IDH de 0,804, e União da Vitória, cidade de porte semelhante e distante 120 km de Irati, possui IDH de 0,793. Este projeto beneficiará indiretamente a população de pelo menos três bairros de baixa renda no município de Irati, Paraná, por meio das sessões de cinema abertas para as comunidades. O projeto pretende atingir diretamente pelo menos 30 jovens (com idade entre 15 e 29 anos), oriundos dos bairros de baixa renda do município, que farão parte das comissões de organização do cinema de cada bairro, bem como dos espaços de desenvolvimento de diferentes formas de expressão cultural.

2.4. Síntese do Projeto:

A cultura está intimamente ligada a questão da identidade, e abordá-la junto à população jovem pode gerar impactos positivos na formação pessoal e coletiva, na autoestima e inserção social. O projeto tem como objetivo geral provocar o protagonismo e a participação social de jovens de bairros periféricos por meio de suas expressões e manifestações culturais. Seus objetivos específicos são: a) criar nos bairros um espaço cultural e de lazer por meio das sessões abertas de cinema; b) mobilizar nos bairros a criação de grupos de jovens que passem, gradativamente, a assumir o papel de coordenação das sessões de cinema; c) proporcionar um espaço de formação a esses grupos de jovens, onde eles possam conhecer e/ou desenvolver diferentes modos de manifestação cultural; d) criar um espaço aberto de apresentação das produções culturais dos jovens no município. Para atingí-los serão realizadas: a) sessões abertas de cinema com a provocação de discussão e debate na e com a comunidade em cada uma das sessões; b) oficinas

culturais (cinema, teatro, dança, música e formas de comunicação e expressão popular) e eventos municipais de divulgação das produções artísticas e culturais desses jovens por meio de uma mostra de cultura. O projeto intenta contribuir na ampliação dos repertórios culturais dos jovens, capacitando-os para fazerem uso de diferentes formas de expressão e manifestação cultural, com a aprendizagem de técnicas e manuseio de equipamentos específicos. Espera-se ainda desenvolver o capital social das comunidades, a fim de reposicionar o jovem para a condição de ator social de seu bairro/município.

2.5. Objetivos Gerais:

Provocar o protagonismo e a participação social de jovens de bairros periféricos por meio de suas expressões e manifestações culturais.

2.6. Objetivo Específico:

Criar nos bairros um espaço cultural e de lazer por meio das sessões abertas de cinema;

Mobilizar nos bairros a criação de grupos de jovens que passem, gradativamente, a assumir o papel de coordenação das sessões de cinema;

Proporcionar um espaço de formação a esses grupos de jovens, onde eles possam conhecer e/ou desenvolver diferentes modos de manifestação cultural;

Criar um espaço aberto de apresentação das produções culturais dos jovens no município.

2.7. Metodologia:

Inicialmente serão realizados mapeamentos nos bairros a serem trabalhados, a fim de fazer um levantamento sociodemográfico, observando suas limitações e potencialidades, bem como dados referentes a juventude. Posteriormente, serão feitas sessões de cinema abertas, sendo duas sessões por mês em cada bairro, com a exibição preferencial por filmes nacionais. Para cada sessão de cinema será feita divulgação por meio de faixas e cartazes pelo bairro, além de visitas, especialmente nas escolas com ensino médio. Em cada sessão deverá ser provocado um tema para discussão e debate na comunidade. Nas primeiras sessões será levantado junto a comunidade alguns jovens para auxiliem na preparação do ambiente. Nas sessões seguintes, será convidado este grupo de jovens que auxilie na preparação das próximas sessões, quer seja na escolha dos filmes, quer na divulgação, no debate, de maneira que se forme uma equipe de preparação. As sessões deverão ocorrer ao longo dos 12 meses. Num segundo momento, com um grupo de aproximadamente 30 jovens advindos dos 3 bairros, serão realizadas oficinas culturais, que ocorrerão em 5 etapas, sendo realizada cada etapa em um fim de semana por mês. Serão trabalhados temas como cinema, teatro, dança, música e formas de comunicação e expressão popular. Para cada uma dessas etapas serão convidados a ministrar as oficinas, técnicos específicos de cada área. Ao final das etapas, será realizado um evento municipal de divulgação das produções artísticas e culturais desses jovens, por meio de uma mostra de cultura. Em consonância com objetivos do projeto, equipamentos e materiais de consumo adquiridos para sua execução serão, após seu término, alocados junto à instituição parceira devido a sua inserção nos bairros beneficiados e à perspectiva de continuidade das ações realizadas.

2.8. Resultados Esperados:

Este projeto promoverá uma ampliação dos repertórios culturais dos jovens, capacitando-os para fazerem uso de diferentes formas de expressão e manifestação cultural, com a aprendizagem de técnicas e manuseio de equipamentos específicos. Esta capacitação busca estimular as suas produções artísticas, simbólicas e comunicacionais. Ao provocar seu protagonismo e participação social, o projeto espera desenvolver um capital social nas comunidades, a fim de reposicionar o jovem para a condição de ator social de seu bairro ou município. Ao desenvolver a cultura, o projeto proporcionará também uma melhoria na qualidade de vida dessa população, valorizando a cultura e do saber local, que poderão ser expressos nas produções dos jovens.

2.9. Impactos Esperados:

Democratização do acesso a produções culturais, desenvolvendo atividades locais; Valorização, ocupação e potencialização de espaços públicos nos bairros e no município, desenvolvendo o sentido de pertença e cuidado para uso do bem comum coletivo; Organização da comunidade a partir da juventude para a reflexão de problemas, causas e soluções vivenciados pela comunidade; Ampliação dos repertórios culturais do público jovem; Desenvolvimento de capital cultural e social nos bairros; Aprendizagem de técnicas e manuseio de equipamentos específicos; Produções artísticas, simbólicas e comunicacionais de jovens; Reposicionamento do jovem como ator social de seu

bairro/município; Melhoria na qualidade de vida por intermédio de valorização da cultura e do saber local; Capacitação para utilização/realização de diferentes formas de expressão e manifestação cultural; Criação e produção artística/cultural em condições de promover disseminação do produto e geração de renda; Valorização de saberes e cultura por intermédio do incentivo à criatividade e protagonismo juvenil, assim promovendo a inclusão e participação ativa de jovens historicamente excluídos da sociedade; Conscientização e prevenção de alguns problemas crônicos que afetam principalmente a juventude como drogas, alcoolismo, ociosidade e violência, por exemplo; Resgate da tradição cultural de convivência em espaços promotores de reflexão e integração da comunidade; Estimulo de ações coletivas com vistas à geração de trabalho e renda via organização de empreendimentos culturais e de economia solidária.

2.10. Riscos e Atividades:

Um possível risco que o projeto pode enfrentar em sua execução é a da pouca participação das comunidades nas sessões de cinema. Para tanto, o projeto tem como parceira uma organização que atua nestas comunidades há pelo menos 9 anos, tendo desta maneira estabelecida uma relação de maior proximidade com este público, bem como acumulado uma metodologia de envolvimento. É parte também da estratégia do projeto que a própria comunidade pense a maneira como as sessões acontecerão, respeitando suas realidades e potencializando a sua participação.

3. Abrangência

Estado Sigla	Estado	Município
PR	Paraná	Irati

4. Licenças

5. Recursos

5.1. Recursos Solicitados à SETI:

Elementos de Despesas	R\$	US\$
Diárias	900,00	0,00
Hospedagem/Alimentação	0,00	0,00
Material de Consumo	3.937,00	0,00
Passagens	0,00	0,00
Pessoal	0,00	0,00
Encargos	0,00	0,00
Bolsas	99.360,00	0,00
Outros Serviços de Terceiros	3.813,00	0,00
Equipamentos e Material Permanente	6.350,00	0,00
Total	114.360,00	0,00

Valor total solicitado em Reais: R\$ 114.360,00
Cento e Quatorze Mil e Trezentos e Sessenta Reais

5.2. Recursos Solicitados a Outras Fontes, Parcerias e/ou Contrapartida da(s) Instituição(ões) Envolvida(s):

Entidade	Tipo	Valor	Descrição
----------	------	-------	-----------

6. Equipe

6.1. Membros do Projeto:

Ord	Nome	Instituição	Função
1	Gilmar de Carvalho Cruz	UNICENTRO	Coordenador(a)
2	Edson Santos Silva	UNICENTRO	Co-orientador(a)

6.2. Atividades:

Atividade (A-1): Mapeamento dos bairros a serem trabalhados.

Início:	1	Duração:	2 Mês(es)
C. H. S.:	20 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-2):	Sistematização dos dados coletados		
Início:	2	Duração:	1 Mês(es)
C. H. S.:	20 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-3):	Apresentação dos filmes e realização de debates com a comunidade		
Início:	3	Duração:	10 Mês(es)
C. H. S.:	4 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-4):	Formação e acompanhamento de grupos de jovens para coordenar as sessões		
Início:	3	Duração:	10 Mês(es)
C. H. S.:	4 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-5):	Mobilização dos jovens para a participação nas oficinas		
Início:	3	Duração:	1 Mês(es)
C. H. S.:	4 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-6):	Divulgação das sessões de cinema		
Início:	3	Duração:	10 Mês(es)
C. H. S.:	8 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-7):	Realização das oficinas		
Início:	4	Duração:	6 Mês(es)
C. H. S.:	10 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-8):	Produção de material dos grupos para o evento		
Início:	10	Duração:	3 Mês(es)
C. H. S.:	16 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-9):	Divulgação do evento no município		
Início:	10	Duração:	3 Mês(es)
C. H. S.:	2 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-10):	Evento de apresentação das produções culturais		
Início:	12	Duração:	1 Mês(es)
C. H. S.:	40 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		
<hr/>			
Atividade (A-11):	Sistematização, compilação e registro das produções		
Início:	12	Duração:	1 Mês(es)
C. H. S.:	10 Horas		
Membros:	Gilmar de Carvalho Cruz [Responsável], Edson Santos Silva		

6.3. Cronograma:

A/M	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
-----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

A-1	X	X																		
A-2		X																		
A-3			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A-4			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A-5			X																	
A-6			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A-7				X	X	X	X	X	X											
A-8														X	X	X				
A-9														X	X	X				
A-10																				X
A-11																				X

7. Orçamento Consolidado

Ano 1 - Em Real					
Elementos de Despesa	Trimestres				Total
	1º	2º	3º	4º	
Diárias	0,00	540,00	360,00	0,00	900,00
Hospedagem/Alimentação	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Material de Consumo	2.047,00	1.890,00	0,00	0,00	3.937,00
Passagens	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outros Serviços de Terceiros	1.413,00	1.440,00	960,00	0,00	3.813,00
- Pessoa Física	0,00	1.440,00	960,00	0,00	2.400,00
- Pessoa Jurídica	1.413,00	0,00	0,00	0,00	1.413,00
Equip. e Material Permanente	6.350,00	0,00	0,00	0,00	6.350,00
Bolsas	99.360,00	0,00	0,00	0,00	99.360,00
Total	109.170,00	3.870,00	1.320,00	0,00	114.360,00

Ano 1 - Em Dólar					
Elementos de Despesa	Trimestres				Total
	1º	2º	3º	4º	
Diárias	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Hospedagem/Alimentação	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Material de Consumo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Passagens	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Outros Serviços de Terceiros	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
- Pessoa Física	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
- Pessoa Jurídica	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Equip. e Material Permanente	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Bolsas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Total	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

8. Diárias

Ord	Localidade	Qtde	Custo Unitário	Custo Total	Mês	Justificativa
1	Ponta Grossa - Paraná - Brasil	1	R\$ 180,00	R\$ 180,00	4	Despesas com deslocamento terrestres, hospedagem e alimentação para execução de oficina.

2	Curitiba - Paraná - Brasil	1	R\$ 180,00	R\$ 180,00	5	Despesas com deslocamento terrestres, hospedagem e alimentação para execução de oficina.
3	Curitiba - Paraná - Brasil	1	R\$ 180,00	R\$ 180,00	7	Despesas com deslocamento terrestres, hospedagem e alimentação para execução de oficina.
4	Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil	1	R\$ 180,00	R\$ 180,00	8	Despesas com deslocamento terrestres, hospedagem e alimentação para execução de oficina.
5	Curitiba - Paraná - Brasil	1	R\$ 180,00	R\$ 180,00	6	Despesas com deslocamento terrestres, hospedagem e alimentação para execução de oficina.

9. Hospedagem/Alimentação

Ord	Localidade	Qtde	Custo Unitário	Custo Total	Mês
-----	------------	------	----------------	-------------	-----

10. Materiais de Consumo

Ord	Especificação	Qtde	Unidade	Custo Unitário	Custo Total	Mês	Justificativa
1	Combustível	370	Litro(s)	R\$ 3,10	R\$ 1.147,00	1	Combustível para condução dos bolsistas aos bairros para o mapeamento, mobilização para as sessões de cinema, para a realização das sessões de cinema e para o acompanhamento dos grupos de jovens.
2	Alimento	60	sessões	R\$ 15,00	R\$ 900,00	1	Alimento para as sessões de cinema.
3	Alimento	150	Unidade(s)	R\$ 12,60	R\$ 1.890,00	4	Alimentação para as oficinas

11. Passagens

Ord	Trecho	Qtde	Custo Unitário	Custo Total	Mês	Justificativa
-----	--------	------	----------------	-------------	-----	---------------

12. Serviços de Terceiros

Ord	Especificação	Custo Total	Mês	Justificativa
1	Assessoria	R\$ 320,00	8	Assessoria para dar formação técnica nas oficinas
2	Serviços gerais	R\$ 160,00	4	Serviços gerais de cozinha, refeições e limpeza do ambiente de realização das oficinas

3	Serviços gerais	R\$ 160,00	5	Serviços gerais de cozinha, refeições e limpeza do ambiente de realização das oficinas
4	Serviços gerais	R\$ 160,00	6	Serviços gerais de cozinha, refeições e limpeza do ambiente de realização das oficinas
5	Serviços gerais	R\$ 160,00	7	Serviços gerais de cozinha, refeições e limpeza do ambiente de realização das oficinas
6	Serviços gerais	R\$ 160,00	8	Serviços gerais de cozinha, refeições e limpeza do ambiente de realização das oficinas
7	Assessoria	R\$ 320,00	4	Assessoria para dar formação técnica nas oficinas
8	Assessoria	R\$ 320,00	5	Assessoria para dar formação técnica nas oficinas
9	Assessoria	R\$ 320,00	6	Assessoria para dar formação técnica nas oficinas
10	Assessoria	R\$ 320,00	7	Assessoria para dar formação técnica nas oficinas
11	Serviços de gráfica	R\$ 1.013,00	3	Serviços de gráfica para uso nas divulgações das sessões nos bairros .
12	Serviço de divulgação	R\$ 400,00	3	Outras formas de divulgação dos trabalhos nos bairros

13. Materiais Permanentes

Ord	Especificação	Qtde	Custo Unitário	Custo Total	Mês	Justificativa
13	Data show	1	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00	1	Utilizar para projetar os filmes
14	Notebook	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00	1	Para leitura dos DVDs para projeção
15	Tela para projeção	3	R\$ 400,00	R\$ 1.200,00	1	Tela para projeção dos filmes
16	Caixa de som	1	R\$ 600,00	R\$ 600,00	1	Amplificação do som nas sessões de cinema
17	Microfone	1	R\$ 150,00	R\$ 150,00	1	Uso para apresentação dos filmes e posterior debate com a comunidade
18	Acervo de filmes	22	R\$ 50,00	R\$ 1.100,00	1	Criação de acervos de filmes para serem projetados nos bairros

14. Pessoal

Ord	Função	Formação Profissional	Perfil Desejado	Custo Total	Mês	Justificativa
-----	--------	-----------------------	-----------------	-------------	-----	---------------

15. Bolsas

Modalidade	Quantidade	Duração	Custo Unitário	Custo Mensal	Custo Total
RECÉM FORMADO	2	12	R\$ 1.770,00	R\$ 3.540,00	R\$ 42.480,00
GRADUANDO	4	12	R\$ 700,00	R\$ 2.800,00	R\$ 33.600,00
ORIENTADOR	2	12	R\$ 970,00	R\$ 1.940,00	R\$ 23.280,00

16. Encargos

Ord	Especificação	Custo Total	Justificativa
-----	---------------	-------------	---------------

_____ , ____ de _____ de _____

Assinatura do Proponente